

Entre padrões:

Uma investigação projetual em Brás de Pina

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação 2 | 2020.2 Remoto

Aluna: Suellen Cristinne Lima Neves
Orientadora: Aline Assis A. C.

Rio de Janeiro, Setembro de 2021

*À minha avó, Dora (in memoriam), que sempre me
impulsionou a transpor todas as barreiras que me eram
apresentadas, sendo elas visíveis ou invisíveis.*

agradecimentos

À esta universidade e seu corpo técnico que oportunizaram tantas trocas e aprendizados.

À minha orientadora, Aline Assis, pela confiança, apoio e suporte no pouco tempo que lhe coube, pela sua dedicação e paciência ao longo desse processo. Por acreditar ser possível, mesmo quando eu não mais acreditava. Agradeço também à professora Solange Carvalho pelo ponta pé inicial.

Aos meus pais, Rita e Washington por todo amor e incentivo. Por serem a minha base e meu espelho. Em especial à minha mãe que tanto renunciou para que hoje eu pudesse ter acesso a um ensino gratuito de qualidade.

À minha companheira, Tainá de Paula, pela compreensão e paciência por todas horas em que precisei me ausentar. Por me impulsionar a buscar sempre novos caminhos. Por ser minha inspiração na vida e na profissão.

Às mulheres de Cecia, que acreditaram desde o começo, que trilharam esse caminho e possibilitaram a realização dessa conquista. Por não largarem minha mão.

À minha família e amigos de vida por todo carinho e compreensão ao longo desses anos. Por todas as palavras e apoio, mesmo à distância.

A todos e todas que de alguma forma estiveram presentes e acompanharam esse processo. Muito obrigada.

resumo

O desenvolvimento deste Trabalho Final de Graduação apresentado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro pretende trabalhar nas áreas livres públicas do bairro de Brás de Pina elegendo para tal a análise urbana apresentada por Christopher Alexander através de uma linguagem de padrões que oferece um conjunto de recomendações e diretrizes para compor o espaço construído em diferentes escalas. As áreas aqui estudadas partiram do reconhecimento da relação estabelecida pelos padrões de apropriação e a dinâmica urbana do bairro, bem como seu desenho, de modo a formular programas de uso e propostas de intervenções que irão ao encontro ao fortalecimento das potencialidades reconhecidas.

TFG. I
Plano de Intenções

Plano Conceitual

TFG. II
Estudo Preliminar

TFG. II
Estudo Final

palavras-chave

padrões | desenho urbano | intervenções | áreas livres

sumário

1. Introdução	12
1.1. Justificativa	14
2. Objetivos	16
2.1. Objetivo geral	
2.2. Objetivos específicos	
3. Metodologia	18
3.1. Linguagem de padrões- Christopher Alexander	20
4. Objeto de estudo e campo de atuação	22
4.1. Aproximação teórica	
4.2. Contexto histórico, social e econômico	24
4.3. Contexto regional	26
4.4. O bairro de Brás de Pina	28
5. Impressões do lugar	36
6. Recorte	42
6.1. Análise a partir dos padrões	44
7. Diretrizes projetuais	62
8. Experimentações de aprofundamento	64
9. Bibliografia	84

1. Introdução

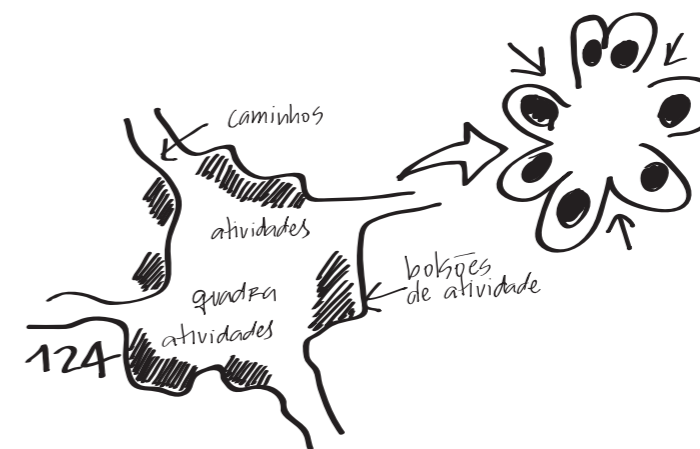
O trabalho apresentado como parte final de graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo se debruça sobre a ativação de espaços livres públicos do bairro com vias à sua potencialização enquanto lugar de apropriação de seus moradores, o bairro de **Brás de Pina**. Busca-se explorar por meio da metodologia adotada na linguagem de padrões estabelecida por Christopher Alexander, identificar esses espaços na possibilidade de se otimizar seus potenciais e assim atuar em uma escala local que busque possíveis relações entre o desenho urbano e seus equipamentos através de uma oferta diversificada em usos e que possibilite a sua apropriação.

Vescina aponta o reconhecimento dos espaços livres enquanto componentes funcionais e espacialmente mais flexíveis, uma vez que podem assumir diferentes funções, enquanto lugares passíveis de uma possível ocupação urbana futura, bem como um lugar de ecossistemas. Trabalha-se aqui os espaços livres de modo a dar-lhes continuidade na articulação de “um sistema de suporte que outorgue coerência e qualidade ao tecido construído” (VESCINA, 2010:93).



▲ **Figura 1.**

Vista do bairro a partir da passarela. RJ, 2021. Fonte: Acervo da autora.



▲ **Figura 2.**

Diagrama conceitual de um dos padrões da linguagem de padrões desenvolvido por Alexander, 124- "bolsões de atividades".
Fonte: Christopher Alexander.

1.1. Justificativa

Para além de ser o bairro onde nasci e cresci, a escolha por Brás de Pina se dá a partir de seu reconhecimento enquanto oportunidade de uma abordagem projetual com possibilidade de ser replicada em distintos contextos pelo recorte das áreas livres públicas, buscando através de seu fortalecimento a qualificação desses espaços.

Por meio de pesquisas iconográficas, bem como material gráfico e textual foi possível identificar um bairro fragmentado em pelo menos três momentos distintos que constituem o bairro como um todo tal como o conhecemos hoje; a Vila Guanabara, a favela de Brás de Pina (conhecida como “Cinco Bocas”), e o bairro de Brás de Pina propriamente dito, apresentados mais adiante. A “princesinha da Leopoldina”, como era conhecido, embora contasse com um projeto urbano em cada centímetro, com plantação de flamboyants, ipês e sapucaias, bem como casas que lembravam os bangalôs ingleses, encontra-se hoje degradado em virtude da ausência de políticas públicas que garantam a qualidade de vida de seus moradores.

Bairros suburbanos e/ ou periféricos sofrem constantemente com a ausência de planejamento e investimento por parte do poder público, muitas vezes relegados historicamente.

Nesse contexto torna-se relevante e necessário pensar o espaço público em sua integralidade, e não por partes, de maneira fragmentada, de modo a propor um sistema que viabilize a reunião de um conjunto de peças de espaços livres, que relacionados entre si e com seu entorno são suscetíveis a sofrer modificações com o tempo.

Trata-se de intervir nos espaços públicos com vistas à sua requalificação enquanto lugares de convivência entre diferentes, identificando padrões potenciais de uma articulação em sistema, onde:

(...)O que se pretende é promover a coesão ao invés da separação, misturar, construir o território potencializando uma estreita relação entre os espaços ocupados e não ocupados, ao ponto de a própria ocupação poder ser decisiva na manutenção de alguns espaços livres, quando da constatação de que as funções urbanas que estes desempenham, como a possível articulação entre os tecidos, configurem uma condição singular para sua permanência sem ocupação urbana, à parte seus valores biofísicos, perceptivos, entre outros (TARDIN, 2008, p.20).

Figura 3. ▶

Imagem aérea captada por drone do bairro de Brás de Pina, com Baía de Guanabara ao fundo. RJ, 2020.
Fonte: Google Street View.





◀ **Figura 4.**

Vista do Largo Waldemiro Ferreira inserido na Av. Antenor Navarro. RJ, 2021. Fonte: Acervo da autora.

2. Objetivos

Objetivo geral:

O objetivo geral se propõe a trabalhar nas áreas livres públicas potenciais do bairro de Brás de Pina, elegendo para tal a metodologia aplicada na linguagem de padrões apresentada por Alexander para análise urbana na aplicação do estudo de caso que visa oferecer um conjunto de recomendações e diretrizes para compor o espaço construído em distintas escalas.

Para tanto, o embasamento teórico que subsidia o trabalho se deu por mostrar-se capaz de ser replicado a partir de uma linguagem de padrões, bem como por sua postura de democratização projetual ao conferir autonomia para aquele que está projetando. Busca-se assim desenvolver um sistema de espaços públicos livres através de intervenções urbanas que visem a ativação desses espaços, fortalecendo-os.

Objetivo específico:

- Identificar e potencializar espaços públicos existentes através da identificação de padrões;
- Proporcionar novos espaços visando estabelecer um sistema que busque conectar diferentes realidades e naturezas;
- Estudar processo de projeto que auxilie no projetar;
- Demonstrar ser possível a aplicabilidade da linguagem de padrões.

3. Metodologia

Partindo da definição do tema e recorte proposto, o trabalho foi desenvolvido com o auxílio de dois métodos distintos. No primeiro momento realizou-se através de uma **metodologia de pesquisa** que buscou por meio da coleta e leitura de dados analisar documentações históricas, e em distintas escalas, bem como minha memória experienciando o lugar. O segundo, a peça central do trabalho, foi a **metodologia projetual** onde me debruço na identificação de espaços livres potenciais, a partir da leitura de padrões apresentados por Christopher Alexander e seus colaboradores, em “Linguagem de Padrões”¹.

Saliento porém, que devido ao cenário pandêmico da Covid-19 e posterior disputa territorial por facções criminosas rivais, me limitei ao processo de pesquisa de campo, e posterior interlocução com atores locais, sendo necessárias outras abordagens. Para a pesquisa se fez necessária a análise documental e iconográfica do contexto do bairro, bem como verificação das informações e dados em periódicos, sites e livros, e mapa interativo disponibilizado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - como formas de aproximação com o bairro em sua totalidade, partiu-se da identificação das partes que o compõem, tais como: Vila Guanabara, favela de Brás de Pina e o bairro como um todo.

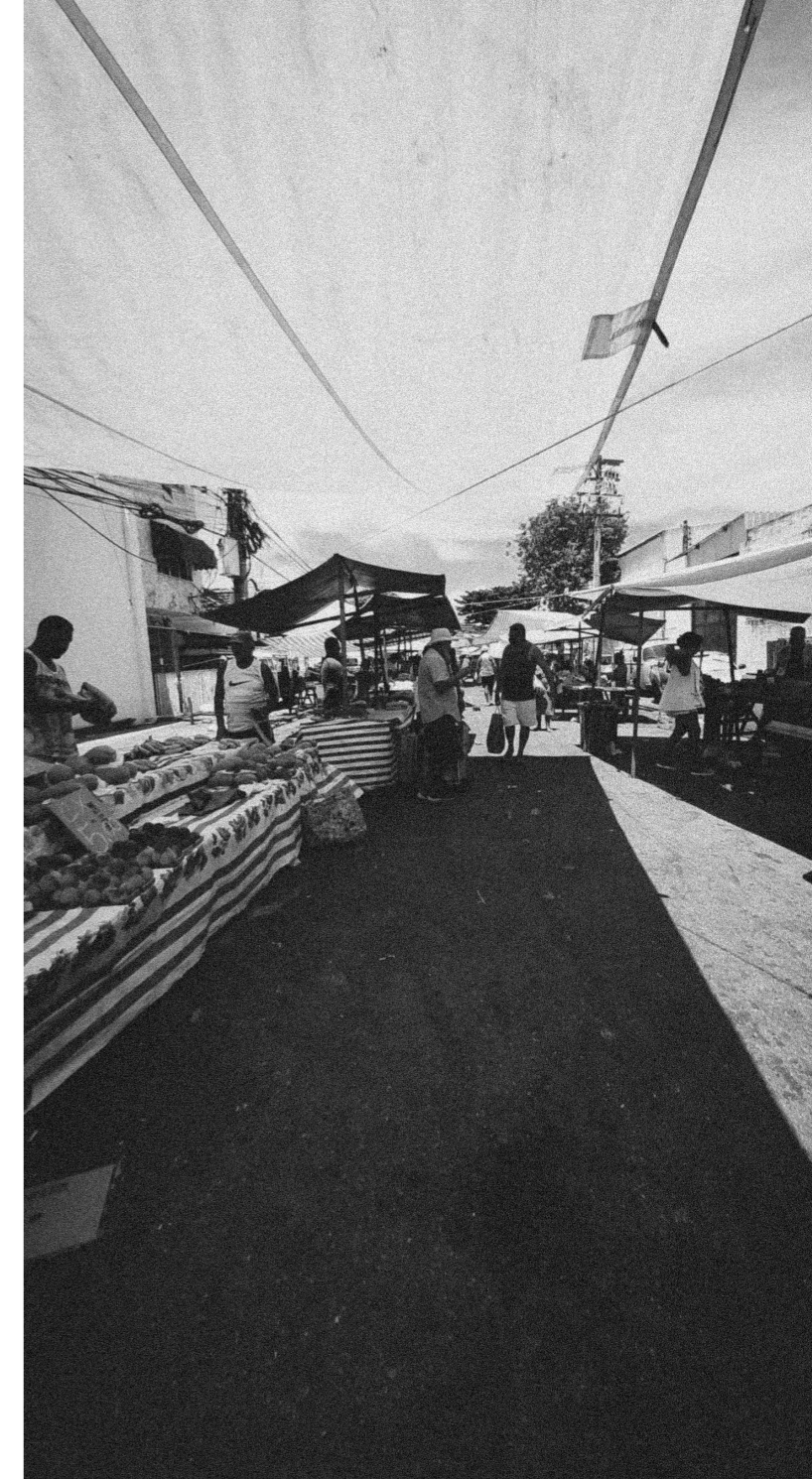
Nesse ponto, o material coletado se mostrou suficiente para elaboração de cartografias de macro a mínima escala, considerando para tal rua, praça, bairro e cidade.

O processo metodológico projetual segue com uma abordagem focada a partir do mapeamento e levantamento dos espaços livres dentro do recorte da **Vila Guanabara**, e que apresentavam possibilidades de potencialização considerando para tal a leitura realizada na identificação dos padrões. Para tanto, utilizou-se do desenho como análise na realização de croquis gerados a partir de fotografias próprias, ou com o auxílio do Google Street View, e que proporcionaram perceber padrões que não conversavam entre si, ou que por si só poderiam ser melhorados e articulados a outros de modo a criar um sistema capaz de criar uma rede intrincada e aberta entre si, com seu entorno e com as pessoas que o vivenciam estabelecendo inter-relações, físicas, funcionais, e relativas à vivência da paisagem, segundo Tardin (2010).

Identifica-se para tanto possíveis áreas de ativação após o reconhecimento inicial dos padrões, com vistas a proposição de um sistema de espaços livres. E posterior aprofundamento do método projetual na possibilidade de aplicação dessa linguagem de padrões.

Figura 5. ▶

Padrão 30, “Nó de atividade” gerado pela presença da feira livre aos sábados na Rua Iricumé. RJ, 2021. Fonte: Acervo da Autora.



NOTAS

¹ Christopher Alexander em co-autoria com Sara Ishikawa e Murray Silverstein, entre outros, elaborou uma compilação de parâmetros projetuais com o intuito primeiro de auxiliar a interlocução entre profissionais e usuários de edificações e empreendimentos urbanísticos, em processos participativos. O arquiteto acreditou ser possível uma “flexibilidade” de adaptação da Linguagem de Padrões a diferentes processos, uma vez que se selecionam as diretrizes que melhor expressam a realidade de uma comunidade.

A concepção da Linguagem por Alexander e seus parceiros permitiu a ele identificar elementos presentes em outros movimentos urbanísticos, como por exemplo: “área externa coletiva (padrão 67)” semelhante aos espaços comuns das Cidades Jardins.

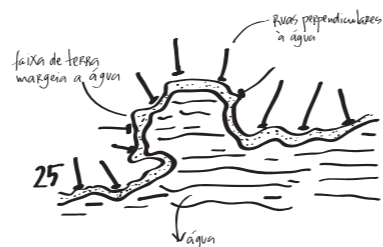
3.1 Linguagem de padrões - Christopher Alexander

Christopher Alexander *et al.* (1977) propõe uma sintetização de conceitos básicos da Arquitetura, denominados por ele como *Linguagem de Padrões*. O autor acredita ser possível utilizar-se de um processo comum na observação dos componentes do meio ambiente, denominados por ele como "padrões", compreendendo os processos generativos desses (suas "fontes") essencialmente como linguagens. Sendo possível assim, uma produção de forma não mecânica e mais participativa entre arquiteto e usuário.

O reconhecimento desses padrões tendo como objetivo a utilização dos dados apresentados por Alexander, permitiu um olhar para a pequena escala passível de uma apropriação e intervenção local, em oposição à intervenções de larga escala onde muitas vezes territórios suburbanos e/ou periféricos são contemplados com estruturas que visam uma conexão em grande escala, entre bairro e cidade, porém com um olhar reduzido para o próprio bairro. O recorte da Vila Guanabara possibilitou uma investigação que se debruça inicialmente sobre o plano original do bairro, buscando encontrar valores presentes nessa paisagem, através do tempo, e que pudessem ser implementados em outros pontos do bairro em uma etapa futura.

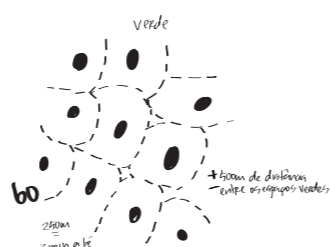
Alexander informa que um dos objetivos por trás da linguagem de padrões é justamente apresentar cada padrão conectado a outros padrões, de modo a percebê-los como um todo, ou seja, uma linguagem com a qual podemos criar uma variedade infinita de combinações. Ele esclarece sobre como os padrões estão organizados, de modo que o padrão ajuda a completar aqueles padrões maiores, e que por sua vez, é completado pelos padrões menores. E sugere que sua utilização seja sequenciada, em uma estrutura de rede, sempre passando dos padrões maiores para os menores, partindo dos que criam as estruturas para aqueles que as refinam e então aos que refinam ainda mais. A utilização dos padrões em si dependerá muito de sua escala, como apontado:

(...)Os padrões relacionados às cidades só podem ser implementados gradualmente, por meio de interferências desde o início; os padrões para uma edificação podem ser elaborados em sua mente e marcados no solo; os padrões quanto à construção devem ser executados de maneira física, no canteiro de obras. Por esse motivo, incluímos três conjuntos separados de instruções, cada um correspondente a uma dessas escalas. Para as cidades, abra na página 3; para arquitetura, abra na página 463; para a construção, abra na página 933 (ALEXANDER, 2013, p. 41).



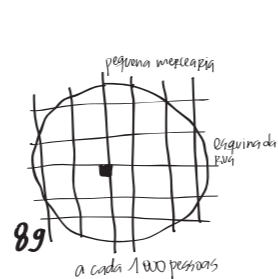
ACESSO À ÁGUA

O padrão trata do cuidado para com a água, e nesse caso, destaca-se a importância de uma reconexão da população com esse elemento negligenciado na paisagem.



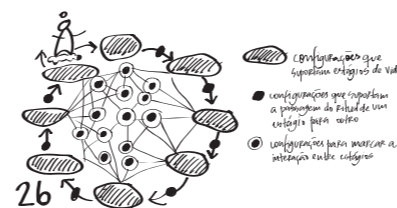
PRAÇAS ACESSÍVEIS

Entendimento de que as praças devem estar disponíveis em uma curta distância, para que assim possa ser utilizada de modo que a distância não supere a necessidade.



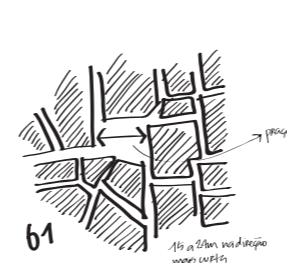
MERCEARIAS DE ESQUINA

Pequenas lojas nas esquinas, próximas ao centro, combinadas às casas e que possam ser dirigidas por moradores locais.



CICLO DA VIDA

A importância de se incluir todas as fases do ciclo de vida possibilitando cenários que melhor atendam ao ritual de travessia da vida de um estágio a outro.



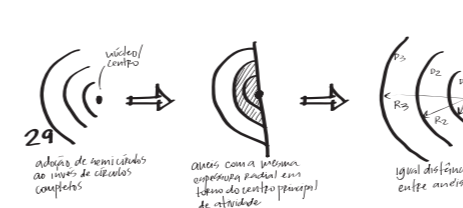
PEQUENAS PRAÇAS PÚBLICAS

Nesse caso, as praças operam como pequenas salas e não se mostram desertas se muito grandes. Podendo gerar um nó de atividade com o entorno.



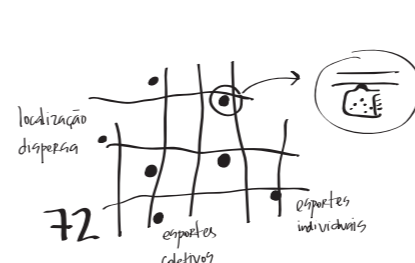
QUIOSQUES DE VENDA DE ALIMENTOS

Incentivo à venda de comida em pequenas barracas ou na fachada de casas e prédios, semiabertos para a rua e concentrados onde as pessoas passam.



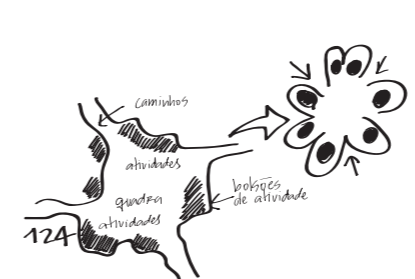
ANÉIS DE DENSIDADE

Apresenta uma gradual densidade de forma decrescente em torno do núcleo. O centro do bairro dotado de lojas e serviços em equilíbrio com os desejos de lazer e diversão em locais mais afastados.



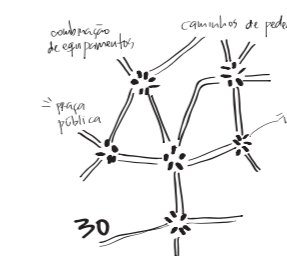
LOCAIS PARA ESPORTES

Locais que recebam um certo destaque para a prática de pequenos esportes individuais ou coletivos, e que funcionem quase como um convite à participação.



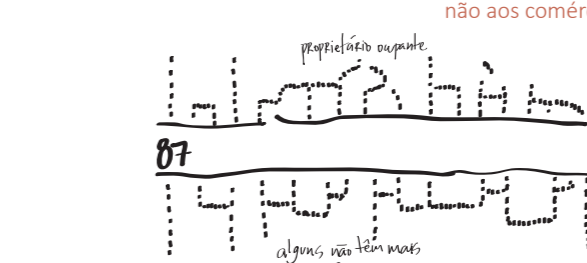
BOLSÕES DE ATIVIDADES

Atividades que se concentram na borda. Pequenas áreas que contêm atividades que tornam natural que as pessoas parem e se envolvam.



NÓ DE ATIVIDADES

Atividades que se concentram em determinados pontos de forma natural e que atraem as pessoas por caminhos que podem ser combinados às atividades de lazer e comércio, por exemplo.



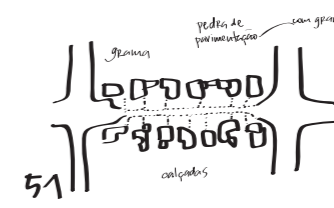
LOJAS DE PROPRIEDADE INDIVIDUAL

Possibilidade de desenvolvimento da economia local com o comércio gerenciado por empreendedores próprios, a fim de se evitar uma plasticidade sem relação com os moradores.



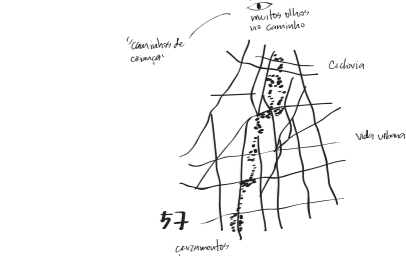
LUGARES CONFIGURADOS POR ÁRVORES

Fala sobre a importância de se manter as árvores em conjunto com as casas e edifícios, de modo a formarem lugares que as pessoas possam usar.



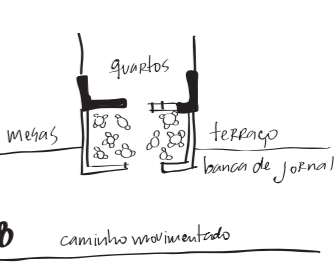
RUAS VERDES

Ressalta a importância do verde nas ruas em detrimento de estacionamentos ao longo da via. Aqui o que se deseja é que as vagas disponíveis sirvam aos moradores, e não aos comércios do entorno.



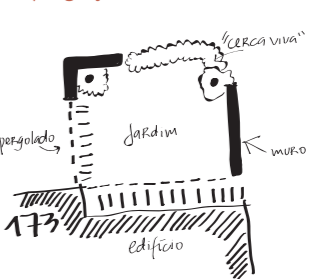
CRIANÇAS NA CIDADE

Caminhos pensados para a segurança das crianças, totalmente separado dos automóveis. Necessidade de ciclovias que permitam uma "exploração" segura.



CAFÉS COM MESAS NAS CALÇADAS

O café nesse caso é o tradicional botequim tão encontrado no bairro. O padrão trata da ocupação da rua de modo a promover um lugar agradável onde as pessoas possam se sentar preguiçosamente.



JARDIM PROTEGIDO

Torna-se necessário que se proteja pequenos jardins de ruídos e sons do tráfego, a fim de que seu interior seja tranquilo. Utilizando-se de arbustos, cercas vivas, muro, entre outros.

Dos **253 padrões** reunidos por Alexander e sua equipe como referenciais ideais para serem utilizados nos processos de projetos em espaços públicos e de uso coletivo, até aqueles especificamente aplicáveis ao edifício, foram selecionados **16 padrões** (apresentados ao lado), oriundos do mapeamento realizado no recorte do plano original do bairro, a Vila Guanabara, onde foram identificados padrões presentes em áreas passíveis de serem fortalecidas enquanto espaço público, e que pudessem funcionar como um sistema, de modo que cada padrão possa dar suporte ao outro.

4. Objeto de estudo e campo de atuação

4.1. Aproximação teórica

Partindo de uma análise imersiva e debruçando-se sobre o contexto urbano do bairro de **Brás de Pina**, foi possível identificar que mesmo possuindo qualidades urbanísticas oriundas do plano da Vila Guanabara, Brás de Pina carece de investimentos. A questão se torna relevante ao passo que ao tratarmos de paisagem urbana, bem como de seus elementos estruturantes, consideramos a falta de uma paisagem integrada (TARDIN, 2008), bem como a necessidade de se pensar que:

(...)Em conjunto, as funções do sistema compõem um quadro integrado, com relações entre seus próprios elementos e com seus entornos. Isto supõe que à função geral do sistema, seguem situações de desenvolvimento local que se refletem em cada peça de espaço livre em particular, condicionando seus fluidos (TARDIN, 2008, p.48).

Entende-se nesse sentido que transformar espaços lidos como “vazios”, em espaços cheios em significado, reestrutura-se o território, na demonstração de que infraestruturas ou pressões imobiliárias não são as únicas lógicas possíveis para a urbanização (TARDIN, 2008). O não entendimento e consideração desses sistemas contribui para uma visão ainda mais fragmentada da paisagem, e posterior contribuição de segregação espacial, bem como de imposição de “limites”.

Acredita-se que toda cidade possua um **sistema de espaços livres**, fruto de um processo de urbanização e formação, onde o parcelamento do solo, por exemplo, origina inúmeras tipologias de espaços passíveis de apropriação dos mesmos tendo ou não sido criado para uso específico. São esses, espaços de encontro, lazer, práticas esportivas e/ ou manifestações (HANNES, 2016). Espaços que inicialmente podem ter sido criados como indiferenciados, mas que transformam-se em **lugar** ao passo que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.

Nesse sentido, Yi-Fu Tuan nos convida a pensarmos no **espaço** como algo que possibilita movimento, colocando **lugar** como pausa; sendo possível transformar localização em lugar mediante pausa no movimento. Em suma, “o espaço é experienciado quando há lugar para se mover” (TUAN, 1983, p.13). Sendo assim, espaços livres adquirem caráter primordial no desenvolvimento urbano, haja vista que são compostos por espaços não edificados, sejam eles **privados** - como o quintal de uma casa, ou **públicos** - como ruas, parques e praças. Vale ressaltar que os quintais, elementos tão característicos deste bairro do subúrbio, são espaços de sociabilidade em sua essência no âmbito privado.

Propõe-se através do projeto para os espaços livres, promover o encontro social nos espaços públicos, bem como oferecer programas com potencial de atrair não somente usuários locais, como também da vizinhança.

A conceituação de espaços livres embora apresenta-se relativamente simples, mostra-se ampla ao abordar questões relativas ao espaço público e ao espaço privado. Podendo ser definidos como qualquer espaço livre de edificação ou de urbanização, e passíveis de desempenhar diversos papéis, independentemente de suas funções características. Funções estas que poderíamos destacar a função social como a de maior relevância, visto que encontra-se intimamente relacionada à características ligadas ao convívio

em comunidade e ao lazer.

(...)São espaços onde acontecem os encontros e trocas da vida cotidiana, desde os mais simples, como conversas entre amigos, até expressões culturais – manifestações e apresentações ao ar livre. São espaços utilizados para lazer, descanso, leitura, meditação, orações, para o brincar das crianças e esportes das mais variadas modalidades (HANNES, 2016, p.125).

Neste trabalho serão considerados dentro do sistema que se propõe, **ruas e praças**, uma vez que estas interferem diretamente no cotidiano da paisagem do bairro.

Entende-se assim, a **rua** enquanto um elemento estruturador do espaço urbano e que garante a ligação entre os demais espaços, podendo funcionar como articuladora do sistema de espaços públicos livres. Uma vez que a vemos como palco da vida cotidiana, carregada de simbolismo, além de promover a conexão entre público e privado. Seguido das **praças** como sendo um espaço público de encontro por excelência, um espaço que carrega em si permanência, convívio e lazer. Um espaço de onde se pode observar a vida na cidade.

Busca-se para tanto a formação de um todo ordenado que ressalte as diferenças e individualidades de cada espaço através do sistema proposto, e não a homogeneização destes. Assim sendo, a proposta reforça a necessidade de se incluir novos usos ao passo que usos vigentes que obtiveram maiores êxitos sejam reforçados.

4.2. Contexto histórico, social e econômico

As terras que hoje dão lugar ao bairro de Brás de Pina, como se conhece, já fizeram parte da **Freguesia de Irajá**, ou Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, criada pelo padre Antônio Martins Loureiro em 30 de dezembro de **1644** e confirmada pelo alvará de 10 de fevereiro de 1647. O bairro² surgiu no século XX, com moradores atraídos pela oportunidade de uma vida no campo. Sendo também conhecido como Recôncavo da Guanabara, popularmente chamado de Zona Rural da cidade, uma vez que era um local de plantio de cana de açúcar, café e leguminosas.

No **século XVIII**, Brás de Pina era o proprietário da região que deu nome ao bairro. Foi um homem notável quanto ao comércio de produtos extraídos da baleia, sendo a primeira pessoa a possuir concessão para manufaturar os produtos do cetáceo, tais como: óleo, amplamente utilizado na iluminação de ruas e residências, fabricação de velas e confecção de roupas femininas; bem como esperma, barbatana para fins diversos. Sua fazenda era situada na maior e mais próspera freguesia rural do Rio, alcançando a orla da Baía da Guanabara.

O proprietário também mantinha um engenho de açúcar e aguardente, itens bastante

procurados por traficantes negreiros na utilização como moeda de troca na obtenção de escravos oriundos de África. Tendo construído o Cais dos Mineiros nas proximidades da Candelária em contrapartida ao que mantinha em Búzios, na cidade de Cabo Frio, a fim de que a manufatura de seus produtos fosse realizada mais perto e no local de venda.

O trem foi um dos responsáveis pela ocupação em massa do que seria o que conhecemos hoje como subúrbio. Com a inauguração da **Estrada de Ferro do Norte** em **1886**, a grande massa da população utilizaria o trem como principal meio de transporte para chegar ao centro econômico da cidade. E com Brás de Pina não seria diferente, o crescimento da região acelerou, recebendo em **1910** a inauguração da **Estação de Brás de Pina**, hoje operada pela Supervia servindo ao ramal ferroviário Saracuruna.

Na década seguinte a **Companhia Kosmos**, de propriedade da família Guinle adquire as terras de seu antigo dono, criando ali o loteamento conhecido como **“Vila Guanabara”**, um conjunto de glebas que abrigaria ruas arborizadas e casas em estilo neocolonial, um projeto inspirado nas cidades-jardim³.

Com ruas planejadas, e muitas árvores, a estratégia de venda se equiparava ao empreendimento da Vila Ipanema. O projeto ainda contava com a construção de um centro comercial ao lado da linha férrea, e um espaço para a vida social - o **Guanabara Tennis Clube**, atual Brás de Pina Country Club. Entregando à população a **Paróquia de Santa Cecília** em **1929**.

NOTAS

² A denominação, delimitação e codificação do Bairro foi estabelecida pelo Decreto Nº 3158, de 23 de julho de 1981 com alterações do Decreto Nº 5280, de 23 de agosto de 1985.

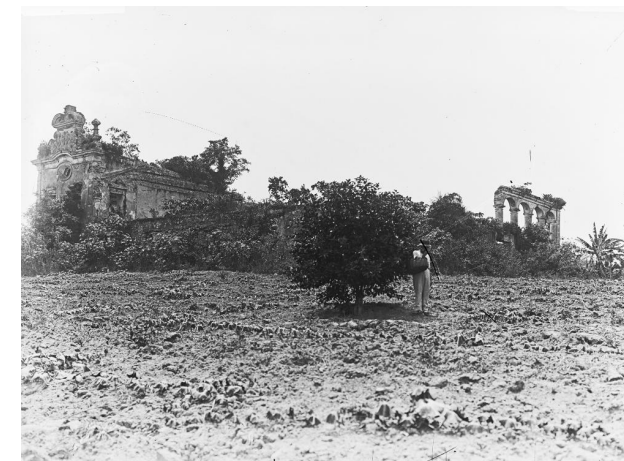


Figura 6. ▲
Vila Guanabara em foto da *Revista da Semana*, edição especial de Urbanismo publicada em maio de 1941. Fonte: BN Digital, domínio público.

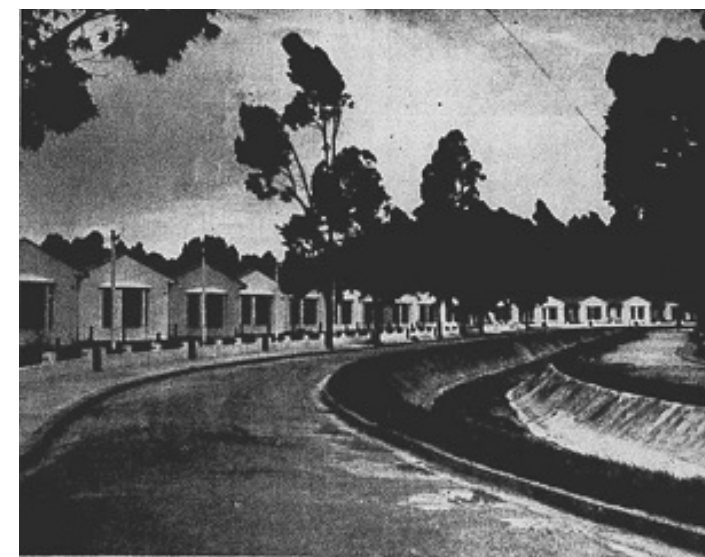
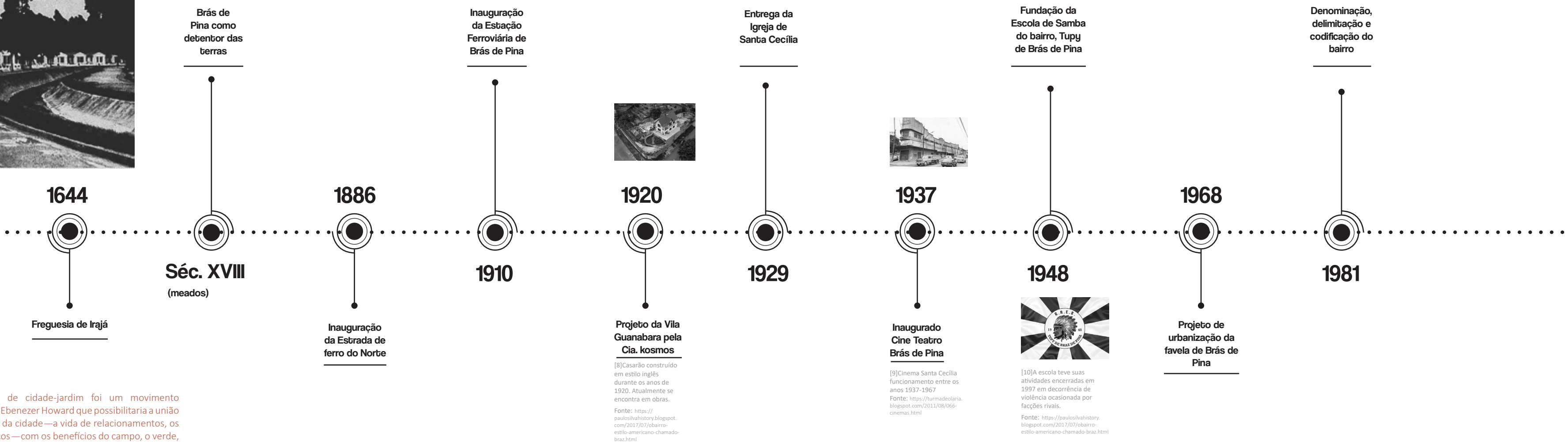


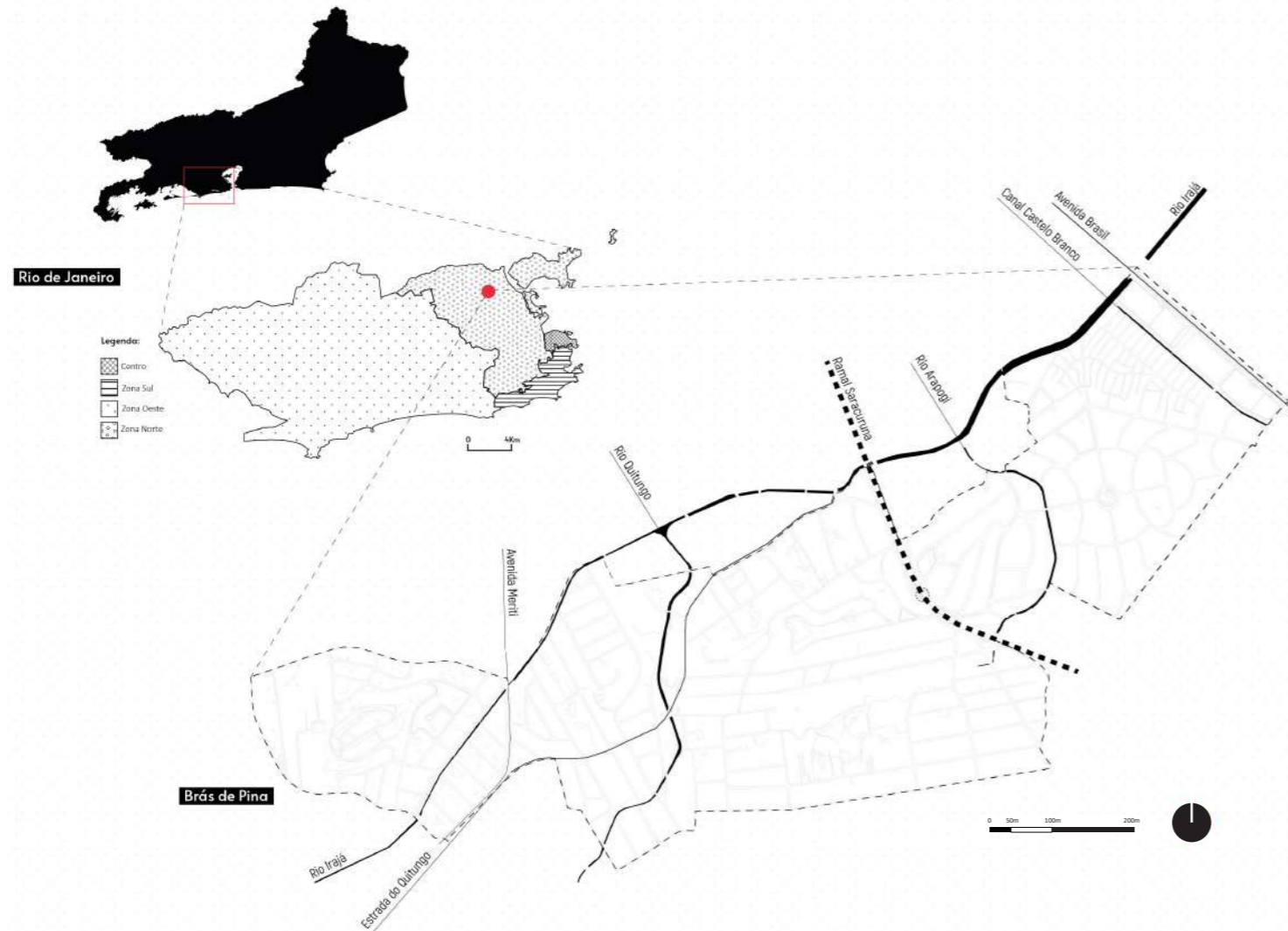
Figura 7. ◀
Engenho do Visconde de Brás de Pina, s/d. Brás de Pina, RJ. Fonte: Acervo da Casa de Oswaldo Cruz.

NOTAS

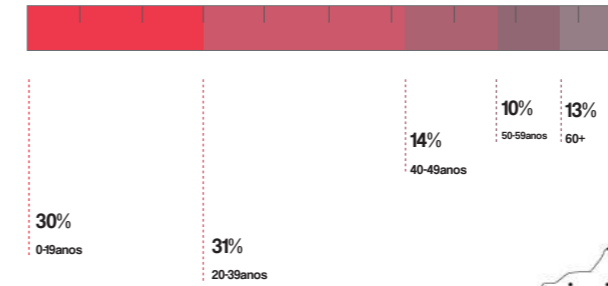
³ O conceito de cidade-jardim foi um movimento concebido por Ebenezer Howard que possibilitaria a união dos benefícios da cidade—a vida de relacionamentos, os serviços públicos—com os benefícios do campo, o verde, a tranquilidade, a salubridade etc (BENEVOLO, 2009).



4.3. Contexto regional



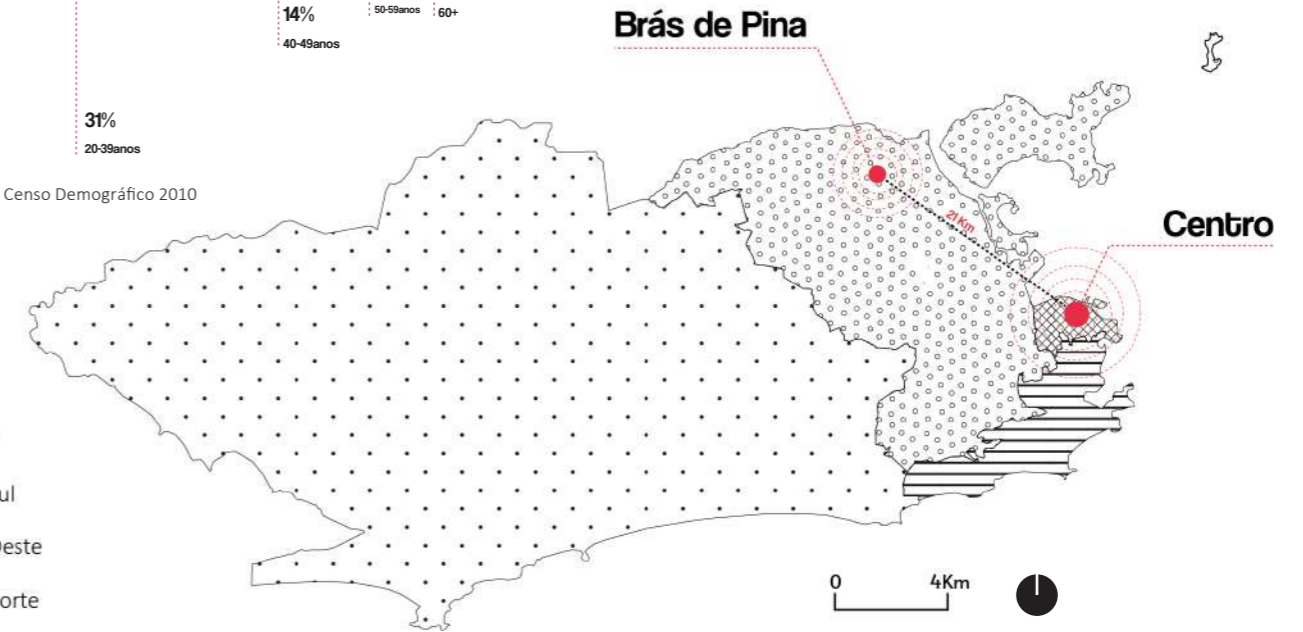
Grupos de idade



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010

Legenda:

- Centro (cross-hatched)
- Zona Sul (horizontal lines)
- Zona Oeste (dotted)
- Zona Norte (circles)



km²

3,52

Área territorial

Fonte: IPP, 2020



59.222 hab

População do bairro

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010



R\$730,00

Renda per capita

Fonte: FGV Social / CPS a partir de microdados do Censo 2010

4.4. O bairro de Brás de Pina

O bairro de Brás de Pina é nosso objeto de estudo. Localizado a 24 Km do centro da cidade, faz divisa com os bairros de Cordovil, Penha Circular, Vila da Penha, Irajá e Vista Alegre, e integra a 11ª Região Administrativa do município. Embora abrigue uma população de classe média, ocupando a 63ª colocação entre os melhores do município do Rio de Janeiro de acordo com seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,835, no ano de 2000; o bairro se encontra degradado em meio à ausência de políticas públicas. Possui **3,52 km²** de área total, registrando um total de **59.222 habitantes** e **20.759 domicílios** de acordo com o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui 6 favelas, sendo uma delas pioneira no projeto de urbanização de favelas.



◀ **Figura 11.**

Situação da favela Cinco Bocas anterior ao projeto de urbanização. RJ, 31/12/1964. Fonte: Arquivo Nacional | Correio da Manhã

A favela das “Cinco Bocas”, como popularmente é conhecida a favela de Brás de Pina, localiza-se nas proximidades com a Avenida Brasil, eixo viário de grande importância para a cidade, com início de sua ocupação na década de 1930, em uma área pantanosa, nos limites do bairro de mesmo nome. Chegando a possuir em 2010, segundo o IBGE, **7.395 habitantes, 2.056 domicílios** particulares ocupados, e uma média de 3,6 moradores por domicílio. Configura-se como uma experiência única de **urbanização de favelas de forma participativa**, realizada pelo grupo Quadra Arquitetos Associados Ltda em **1968**, integrado pelos arquitetos Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Silvia Wanderley e Rogério Aroeira, em parceria com a Companhia de Desenvolvimento de Comunidade (CODESCO), embora estivesse em um período onde a política habitacional era marcada por processos de remoções compulsórias em meio ao contexto de **Ditadura Civil Militar**.



▲ **Figura 12.**

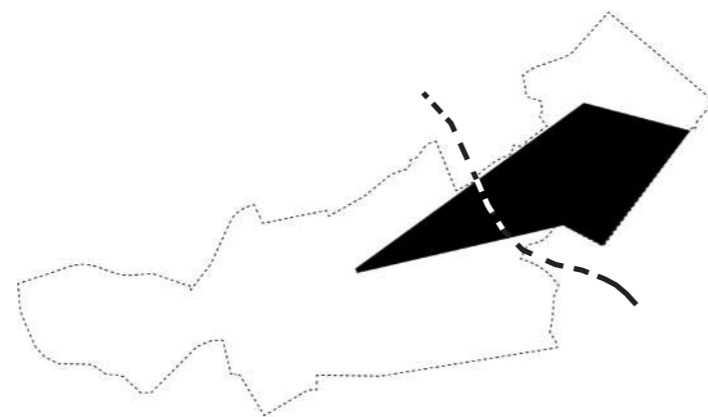
Situação da favela Cinco Bocas anterior ao projeto de urbanização. RJ, 07/01/1965. Fonte: Arquivo Nacional | Correio da Manhã

Três momentos

um bairro

Ao longo de todo mapeamento inicial podemos nos deparar com a presença de três momentos distintos na formação do que conhecemos hoje como o bairro de Brás de Pina. Bairro este que se mostra como uma "colagem urbana", uma costura entre os tecidos destes momentos, tendo o plano de cidade-jardim (Vila Guanabara) como precursor de uma intervenção proposital, seguido do projeto urbanístico da favela de Brás de Pina (conhecida como "Cinco Bocas") que buscava incorporar ao seu traçado o que já acontecia no traçado original do bairro, muito por acreditar ser possível integrar a favela ao bairro através de seu traçado a fim de eliminar barreiras e segregação espacial.

O plano original de cidade-jardim contava com a criação de áreas externas comuns configuradas por bosques. Um projeto com o anseio de tornar-se um modelo para descentralização da cidade. Nascia ali a Vila Guanabara em 1920, atraindo atenção pelas facilidades em adquirir terrenos, bem como melhorias oriundas do setor de transportes: um novo bairro construído no estilo neocolonial, com casas iguais, sem muros e com todas as ruas arborizadas.



Vila Guanabara
(antes de tudo)

1920



Favela de Brás de Pina
(segue o plano inicial do bairro)

1968



Bairro de Brás de Pina
("colagem" de tudo)

2021

Brás de Pina não possui um cenário **homogêneo**, mesmo após tentativa em torná-lo um bairro modelo com influências inglesas, encontramos nele o contraste das ruas bem asfaltadas e casarões que poderiam nos remeter à Copacabana antiga, com casas em tijolos aparente construídas em meio ao esgoto a céu aberto.

As relações de pertencimento de seus moradores com o bairro vão dos desfiles das escolas de samba do grupo A às margens do Rio Arapogi, representados pela escola **Tupy de Braz de Pina**, aos festejos no alto da “colina” na **Paróquia Santa Cecília**, construída em estilo neo-renascentista romano, presente até hoje em seus vitrais trazidos diretamente da França.

Qualidades urbanísticas herdadas do plano de cidade-jardim, **Vila Guanabara**, ainda podem ser encontradas no bairro até hoje, com suas praças, escolas e outros equipamentos que de certa forma atendem a população na medida do possível. No entanto, apesar dos pontos positivos, Brás de Pina encontra-se degradado pela ausência de políticas públicas, o que levou ao esvaziamento de algumas áreas, e consequente perda de identidade com o local.

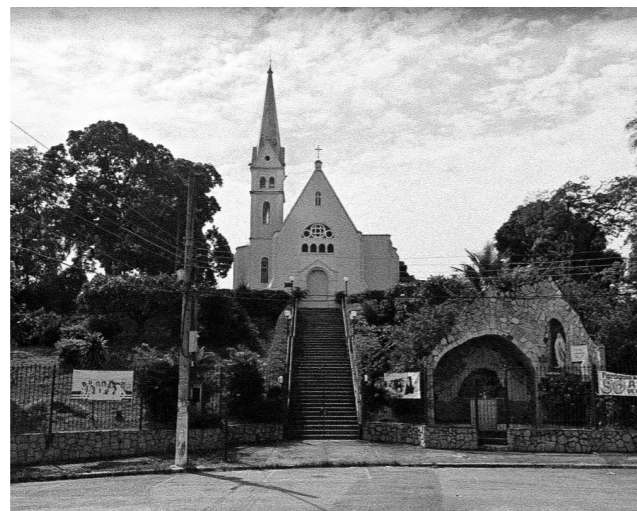


Figura 13. ▲
Paróquia de Santa Cecília. RJ, 2020.
Fonte: Google Street View.



Figura 14. ►
Vista do antigo casarão em estilo inglês, conhecido como “Castelinho”, que por muitos anos permaneceu desocupado, sendo vendido em 2019 para dar lugar a uma casa de festas. RJ, 2020.
Fonte: Google Street View.



Brás de Pina...

Figura 16 e 17.

Residências que ainda guardam traços originais de projeto. RJ, 2020.
Fonte: Google Street View.



Figura 18 e 19.

Ruas limpas e arborizadas. RJ, 2020.
Fonte: Google Street View.



...e seus contrastes

Figura 20 e 21.

Espaço destinado ao lazer sem coleta seletiva regular. RJ, 2020.
Fonte: Google Street View.

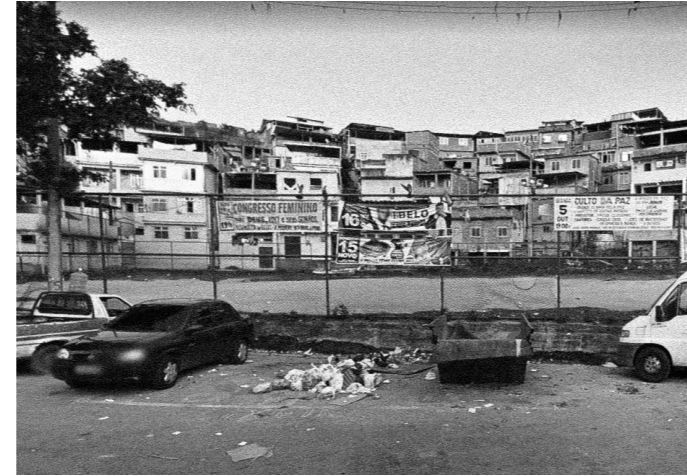
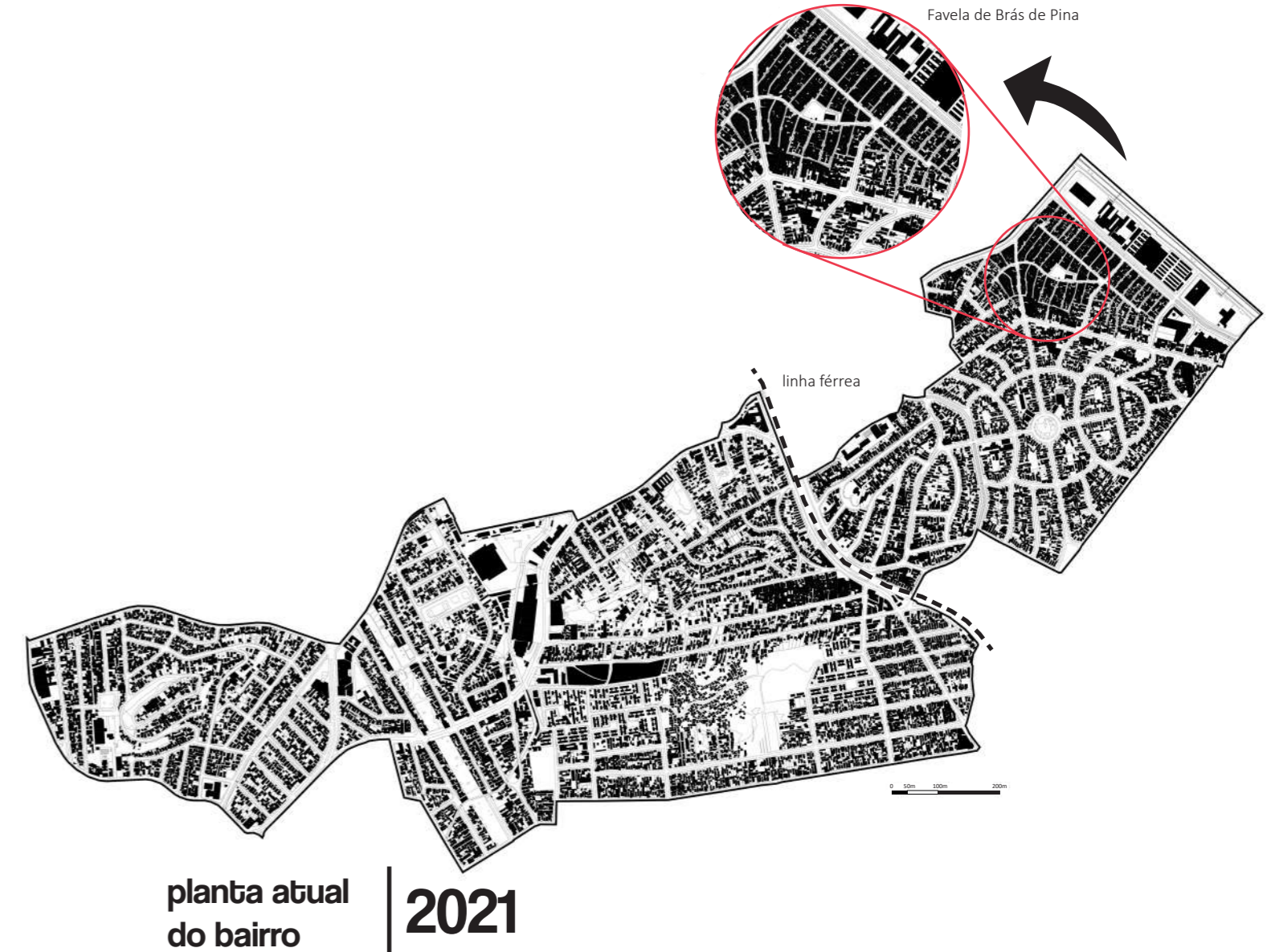


Figura 22 e 23.

Residências auto construídas na favela, e às margens do Rio Quitungo. RJ, 2020.
Fonte: Google Street View.



5. Impressões do lugar

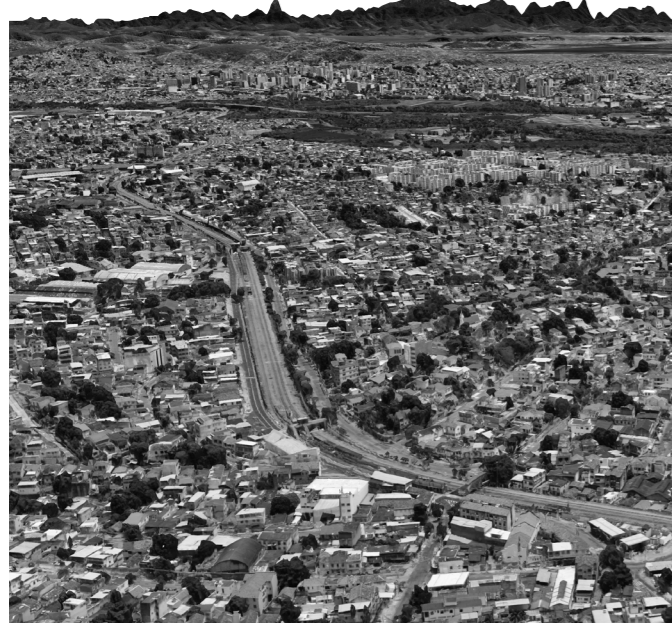


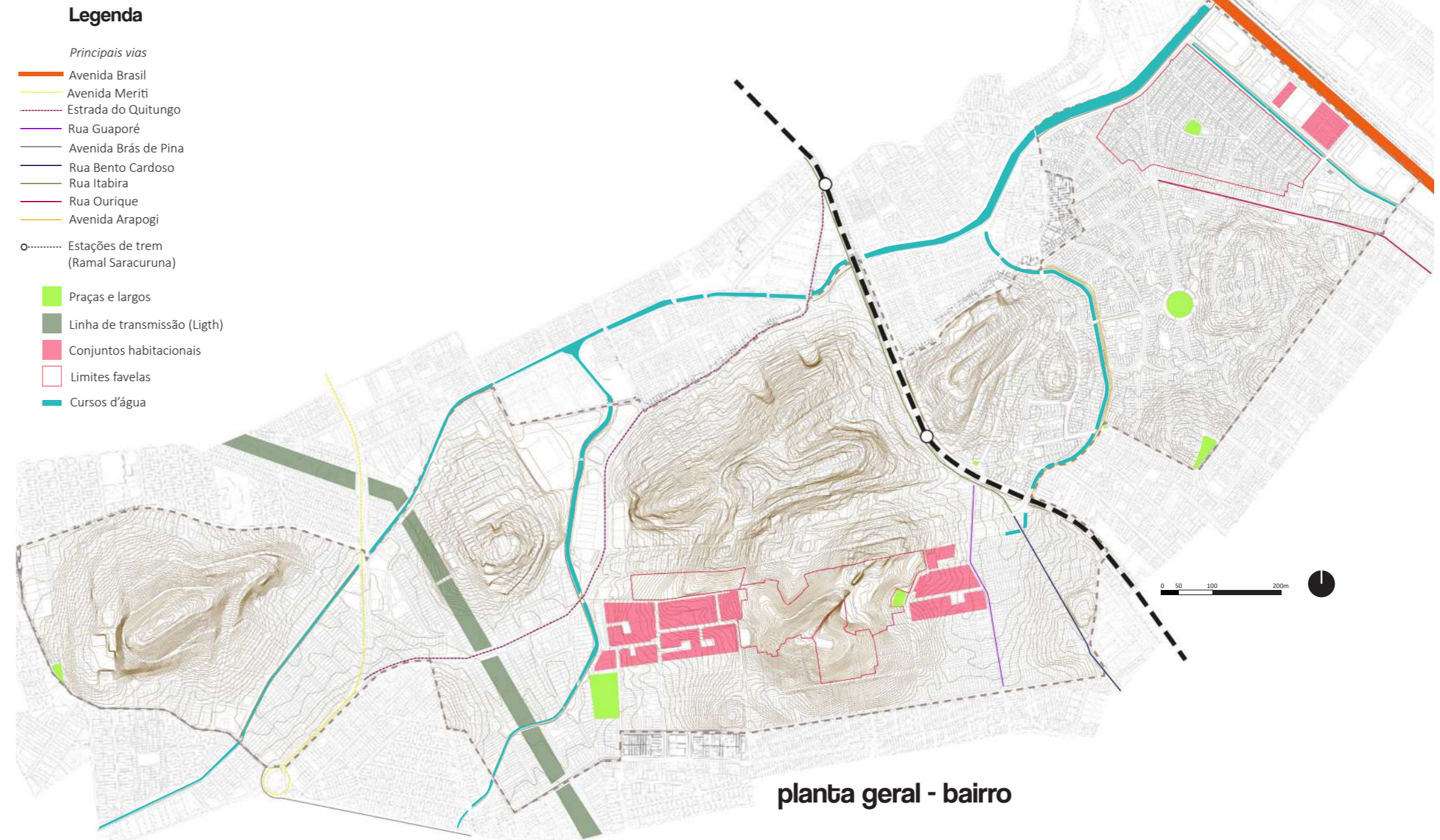
Figura 24.
Perspectiva do bairro com a centralidade do bairro marcada pela linha férrea. RJ, 2020.
Fonte: Google Street View.



Figura 25.
Imagem da Rua Itabira com vista para linha férrea. RJ, 2020.
Fonte: Google Street View.



Figura 26.
Imagem da Praça Anhangá (principal do bairro). RJ, 2020.
Fonte: Acervo da autora.





Embora seja um bairro com uma oferta razoável de meios de transporte, podemos observar pela planta ao lado, que a grande maioria se limita a circular nas margens do bairro, ou em vias de grande movimentação, a exemplo da Estrada do Quitungo e Avenida Meriti. Como o bairro não dispõe de ciclovias (com excessão da faixa compartilhada entre pedestres na Praça Anhangá), constantemente os moradores disputam espaço entre veículos automotivos nas vias ou calçadas. O transporte ferroviário acaba por quase cair em desuso em virtude da má qualidade dos trens, ou da quantidade de passageiros. O que leva muitas vezes pela opção de outros meios de transporte coletivo.



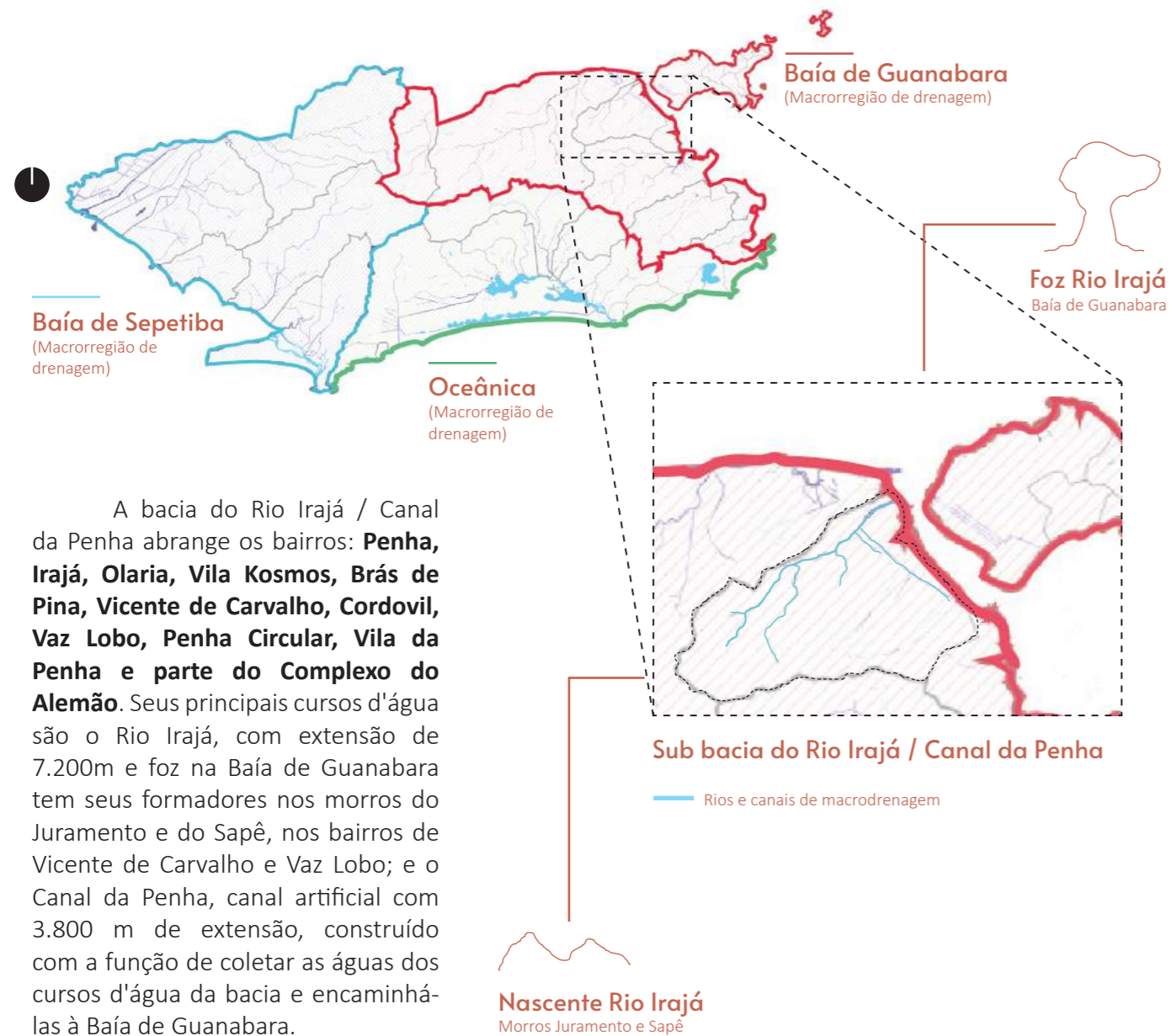
Figura 27.

Transposição da linha do trem. RJ, 2020. Fonte: Acervo da autora.



planta - sistema viário

O caminho das águas

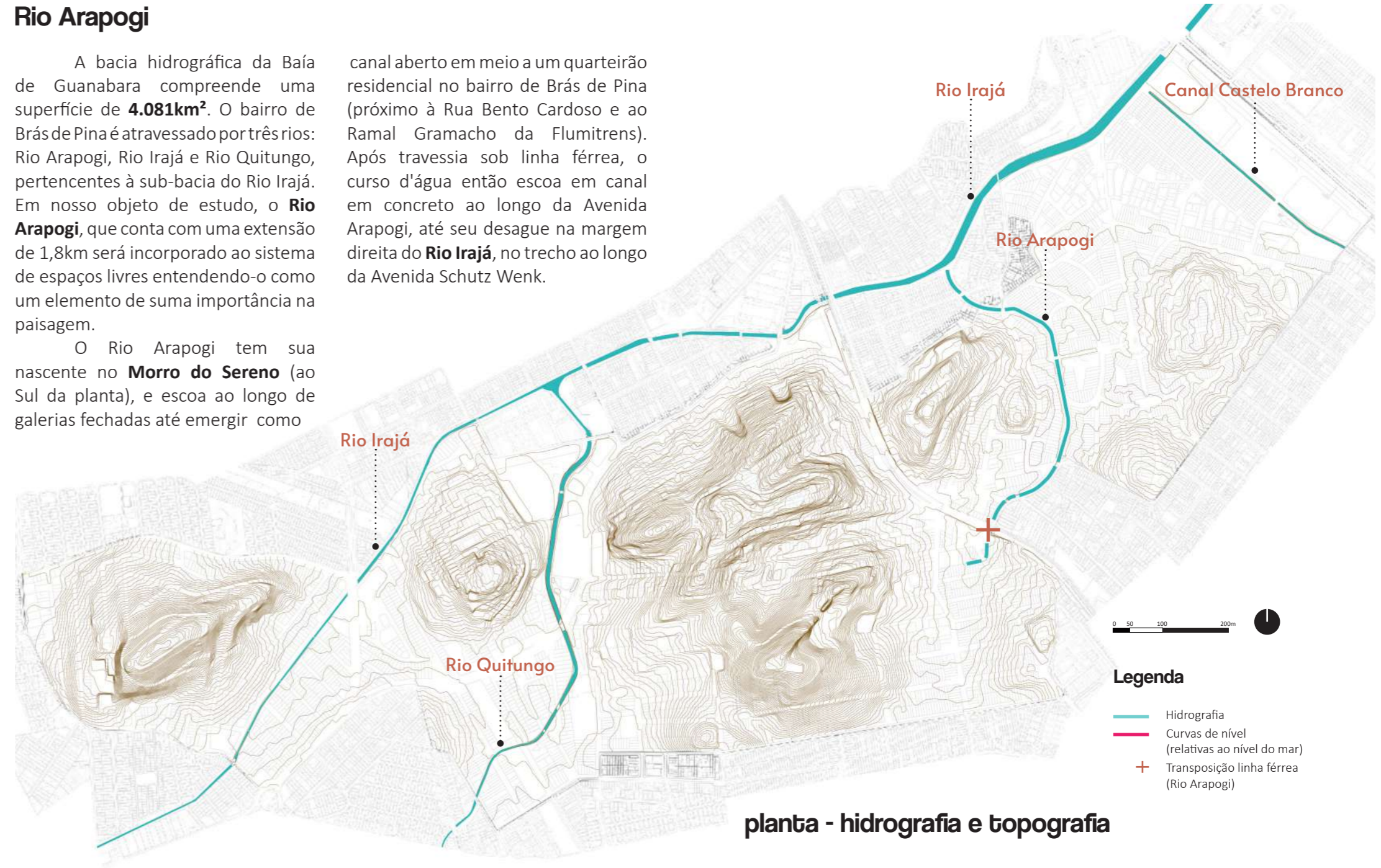


Rio Arapogi

A bacia hidrográfica da Baía de Guanabara compreende uma superfície de **4.081km²**. O bairro de Brás de Pina é atravessado por três rios: Rio Arapogi, Rio Irajá e Rio Quitungo, pertencentes à sub-bacia do Rio Irajá. Em nosso objeto de estudo, o **Rio Arapogi**, que conta com uma extensão de 1,8km será incorporado ao sistema de espaços livres entendendo-o como um elemento de suma importância na paisagem.

O Rio Arapogi tem sua nascente no **Morro do Sereno** (ao Sul da planta), e escoa ao longo de galerias fechadas até emergir como

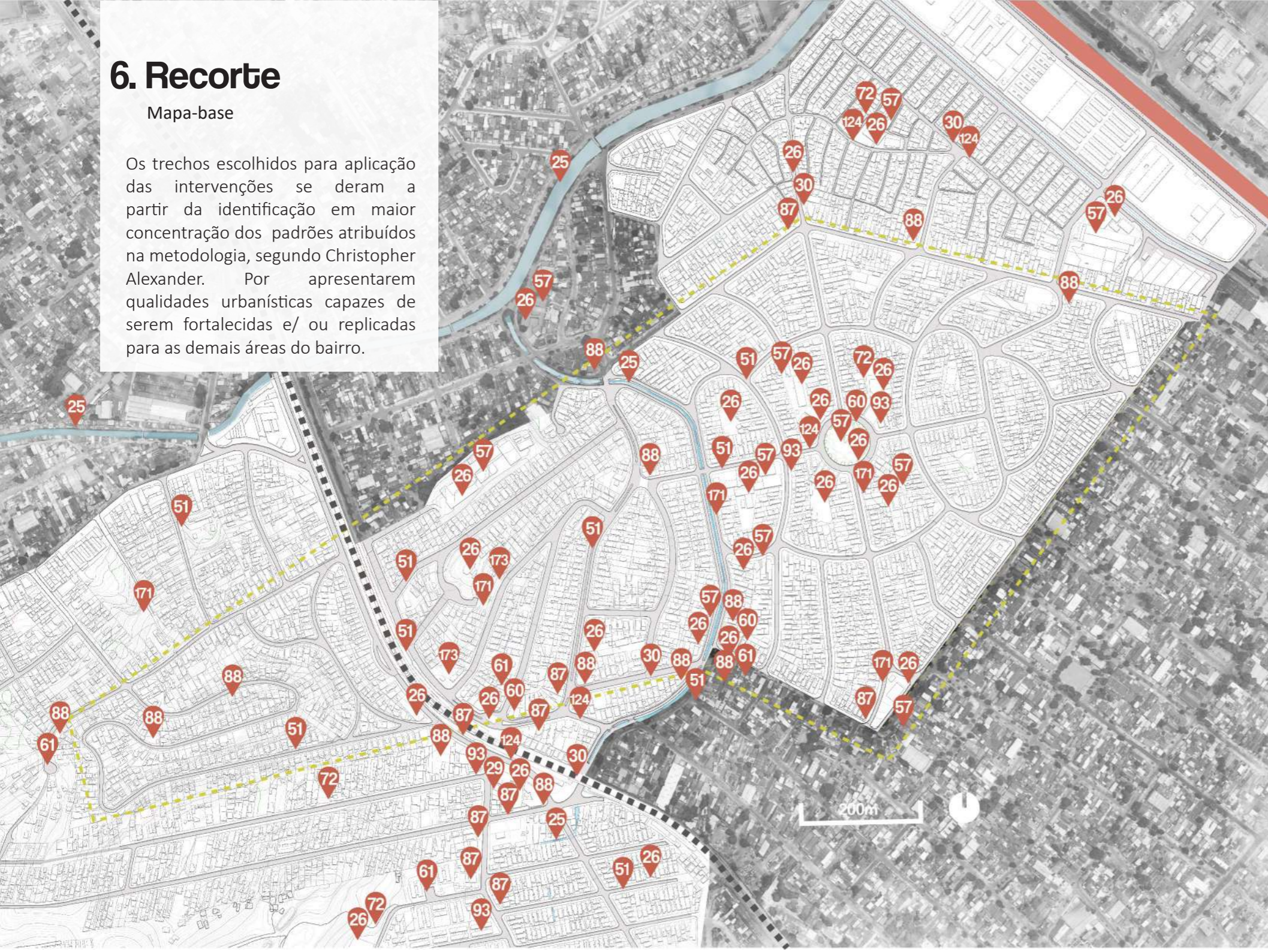
canal aberto em meio a um quarteirão residencial no bairro de Brás de Pina (próximo à Rua Bento Cardoso e ao Ramal Gramacho da Flumitrens). Após travessia sob linha férrea, o curso d'água então escoa em canal em concreto ao longo da Avenida Arapogi, até seu desague na margem direita do **Rio Irajá**, no trecho ao longo da Avenida Schutz Wenk.



6. Recorte

Mapa-base

Os trechos escolhidos para aplicação das intervenções se deram a partir da identificação em maior concentração dos padrões atribuídos na metodologia, segundo Christopher Alexander. Por apresentarem qualidades urbanísticas capazes de serem fortalecidas e/ ou replicadas para as demais áreas do bairro.



Legenda

- Limite Vila Guanabara
- Limite oficial do bairro
- Avenida Brasil
- Cursos d'água
- Linha férrea

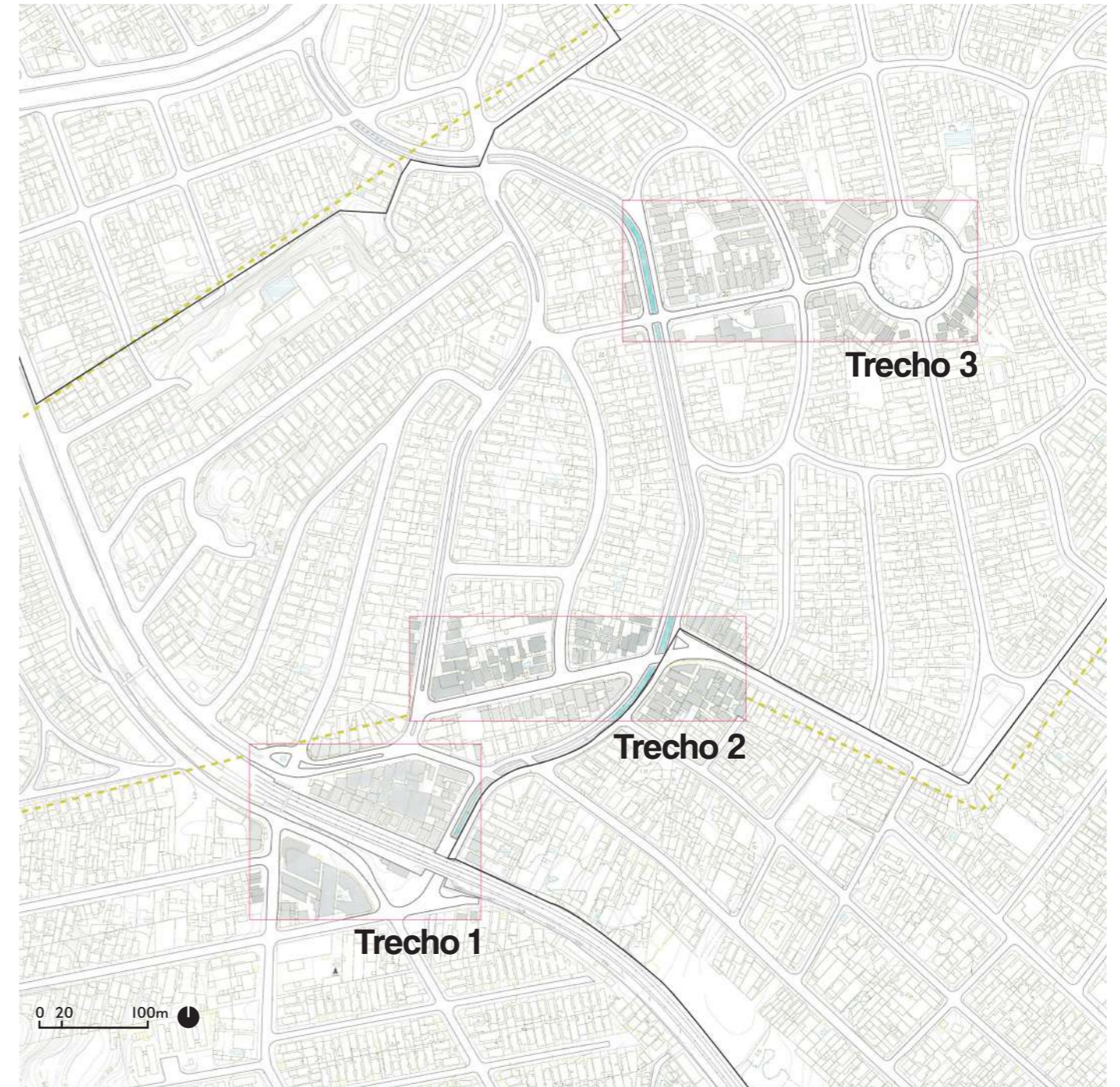
- 25. Acesso à água
- 26. Ciclo da vida
- 29. Anéis de densidade
- 30. Nós de atividade
- 51. Ruas verdes
- 57. Crianças na cidade
- 60. Praças acessíveis
- 61. Praças públicas pequenas
- 72. Locais de esportes
- 87. Lojas de propriedade individual
- 88. Café com mesas na calçada
- 89. Mercarias de esquina
- 93. Quiosques de venda de alimentos
- 124. Bolsões de atividade
- 171. Lugares configurados por árvores
- 173. Jardim protegido

6.1 Análise a partir dos padrões

O **trecho 1** compreende a maior centralidade do bairro dotada de diversas atividades, tais como: escolas, padaria, mercearias, supermercados, farmácias, bares e restaurantes, casas lotéricas e ofertas de pequenos serviços, bem como templos religiosos. Tendo como ruas principais a Rua Itabira e Rua Guaporé, com maiores ofertas de transporte público, por exemplo. O **trecho 2** apresenta-se como outra centralidade no bairro, localizada ao lado oposto da linha férrea, próximo à Avenida Antenor Navarro.

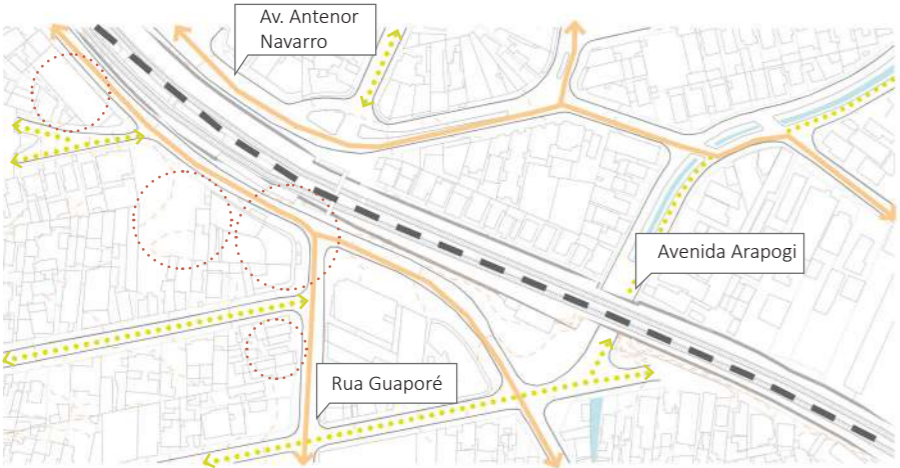
É composto majoritariamente pelo uso residencial, contando ainda com pequenas lojas no térreo de alguns edifícios e frente de residências, bem como restaurantes, padaria, templos religiosos, academia de

ginástica, além da feira livre que ocorre aos sábados entre as ruas Iricumé e Puriata. O **trecho 3** apresenta-se como uma centralidade de lazer para o bairro e bairros vizinhos, sendo composto pela Praça Anhangá, o Brás de Pina Country Club, escolas de distintos segmentos, templos religiosos, além de bares e quiosques que funcionam em determinados dias e horários que atuam ainda mais no incentivo ao uso pelos moradores.

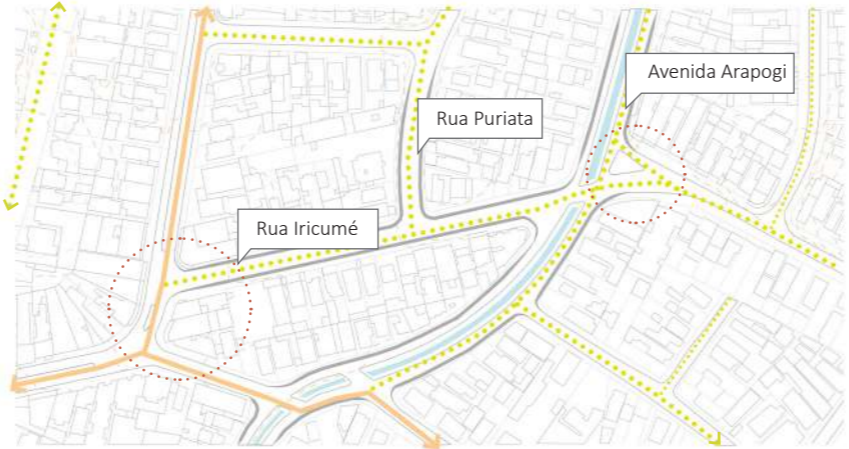


Dinâmicas urbanas

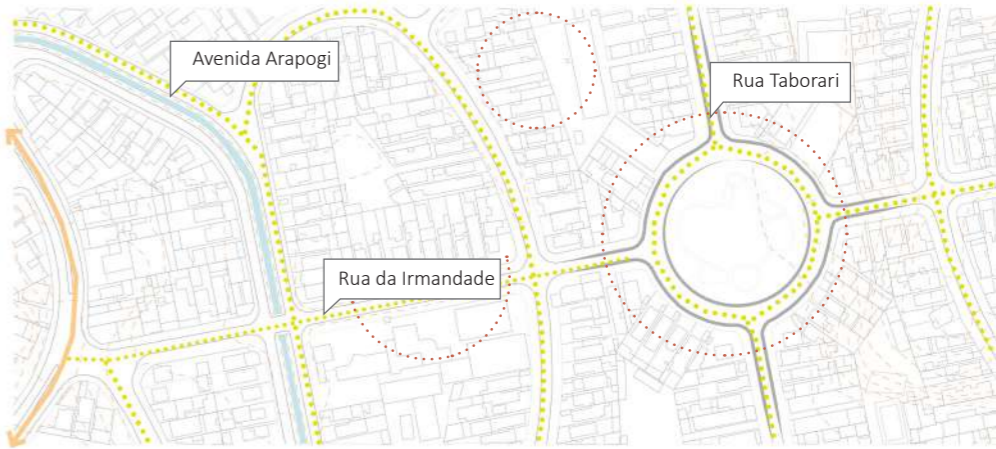
Sistema viário



- Vias arteriais
- Vias locais
- Linha férrea
- Rio Arapogi
- Pontos de maior concentração de pedestres



- Vias arteriais
- Vias locais
- Rio Arapogi
- Pontos de maior concentração de pedestres



- Vias arteriais
- Vias locais
- Rio Arapogi
- Pontos de maior concentração de pedestres



Dinâmicas urbanas

Sistema de espaços livres



- Espaços livres (públicos)
- Espaços livres (privados)



- Espaços livres (públicos)
- Espaços livres (privados)

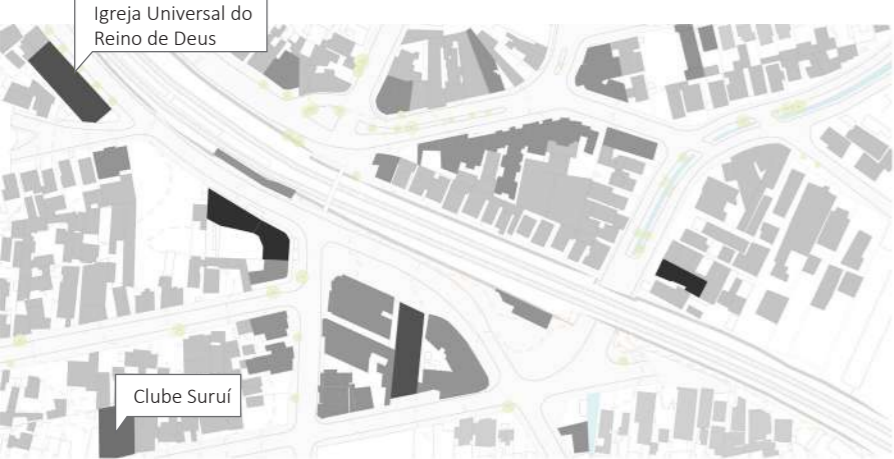


- Espaços livres (públicos)
- Espaços livres (privados)



Dinâmicas urbanas

Usos do solo



- Residencial
- Comercial
- Educação
- Religioso
- Clubes



- Residencial
- Comercial
- Educação
- Religioso
- Clubes



- Residencial
- Comercial
- Educação
- Religioso
- Clubes



Elementos estruturantes

A partir da leitura dos padrões



1

Elemento infraestrutural

(linha férrea)



trocas no território



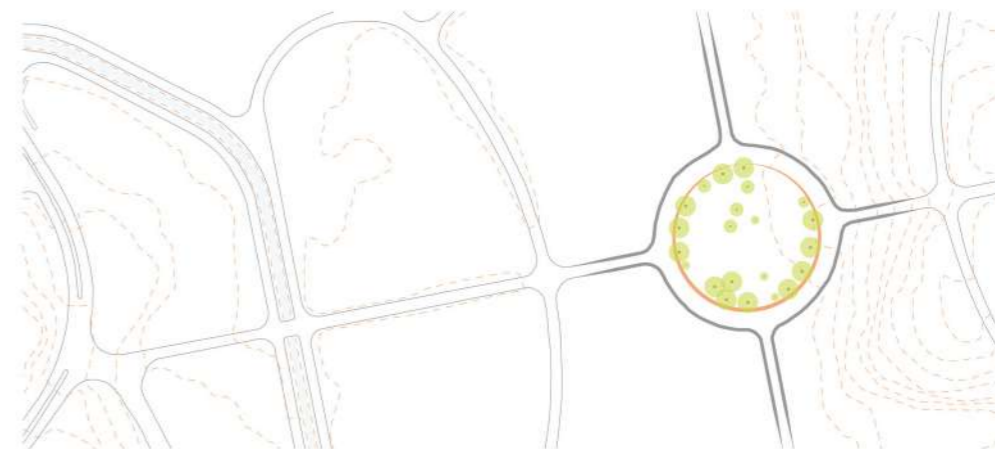
2

Elemento natural

(rio + feira livre)



contato com a água



3

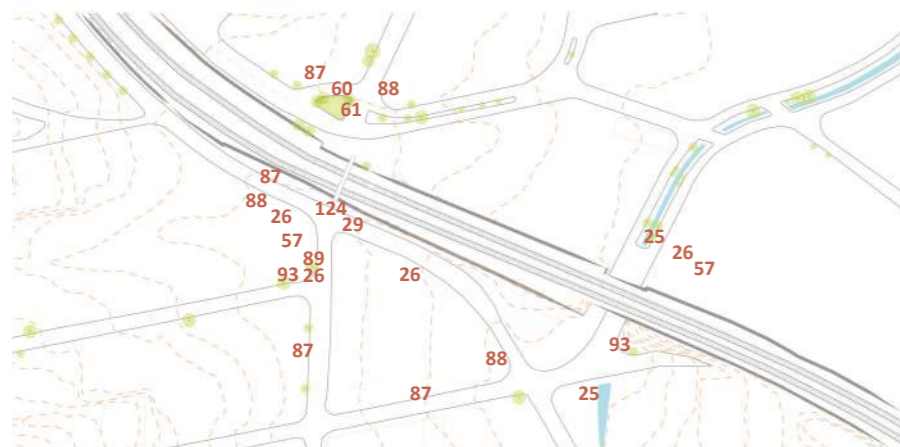
Elemento paisagístico

(praça)

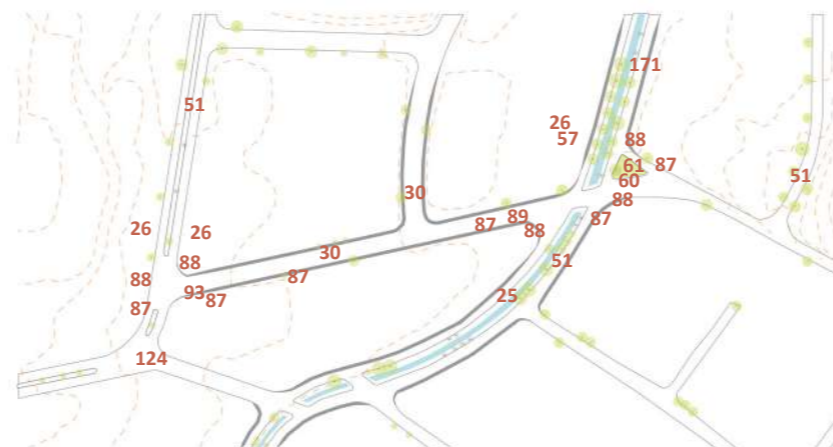


rede de espaços livres

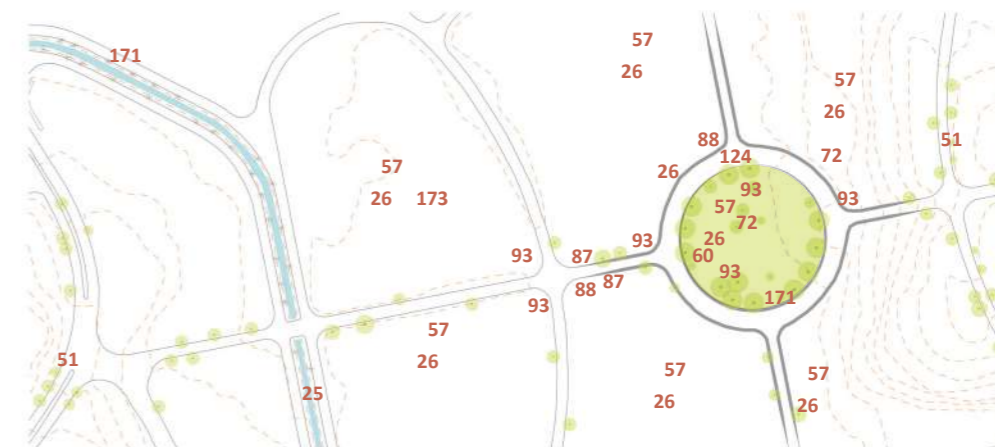
Linguagem de padrões



- 25. Acesso à água
- 26. Ciclo da vida
- 29. Anéis de densidade
- 57. Crianças na cidade
- 60. Praças acessíveis
- 61. Praças públicas pequenas
- 87. Lojas de propriedade individual
- 88. Café com mesas na calçada
- 89. Mercarias de esquina
- 93. Quiosques de venda de alimentos
- 124. Bolsões de atividade



- 25. Acesso à água
- 26. Ciclo da vida
- 30. Nós de atividade
- 51. Ruas verdes
- 57. Crianças na cidade
- 60. Praças acessíveis
- 61. Praças públicas pequenas
- 87. Lojas de propriedade individual
- 88. Café com mesas na calçada
- 89. Mercarias de esquina
- 93. Quiosques de venda de alimentos
- 124. Bolsões de atividade
- 171. Lugares configurados por árvores



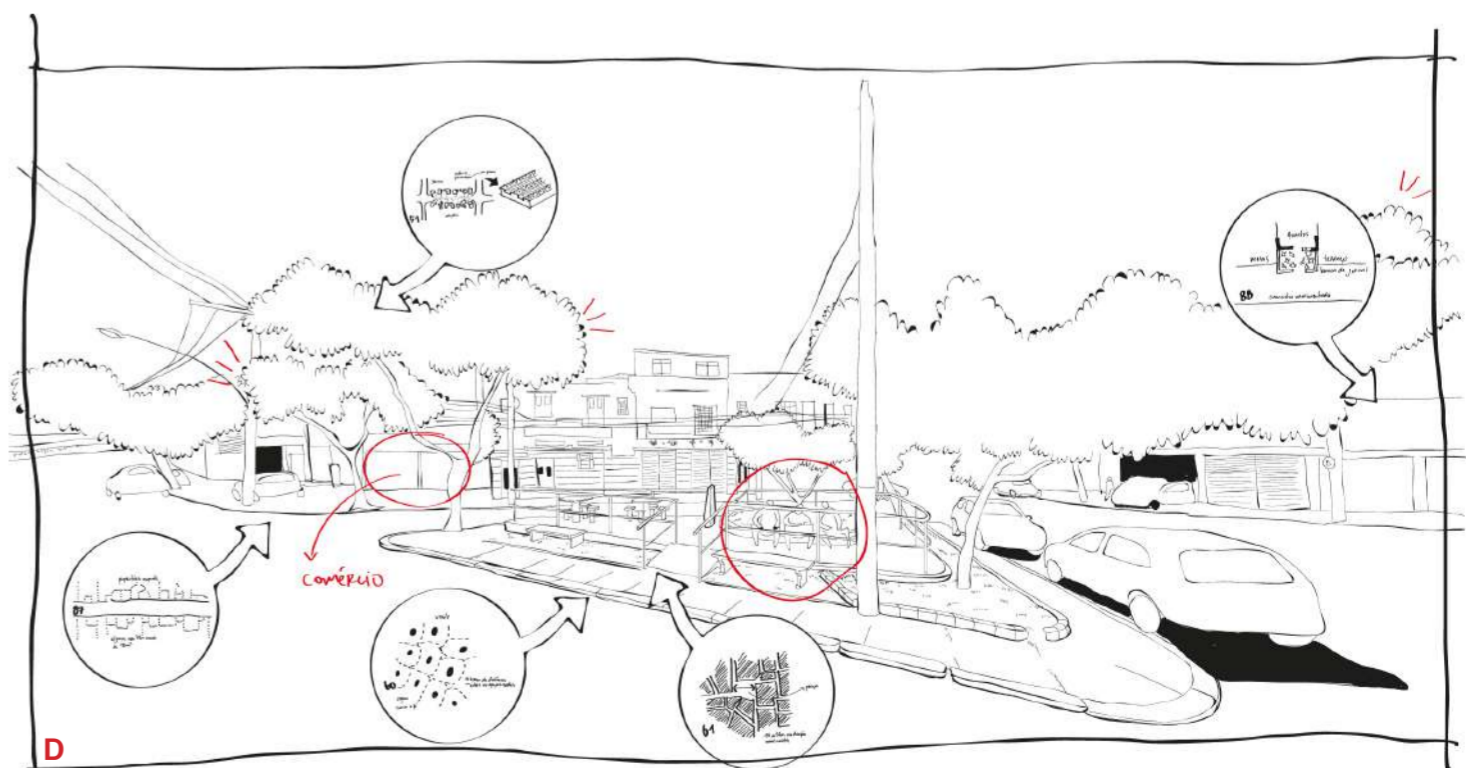
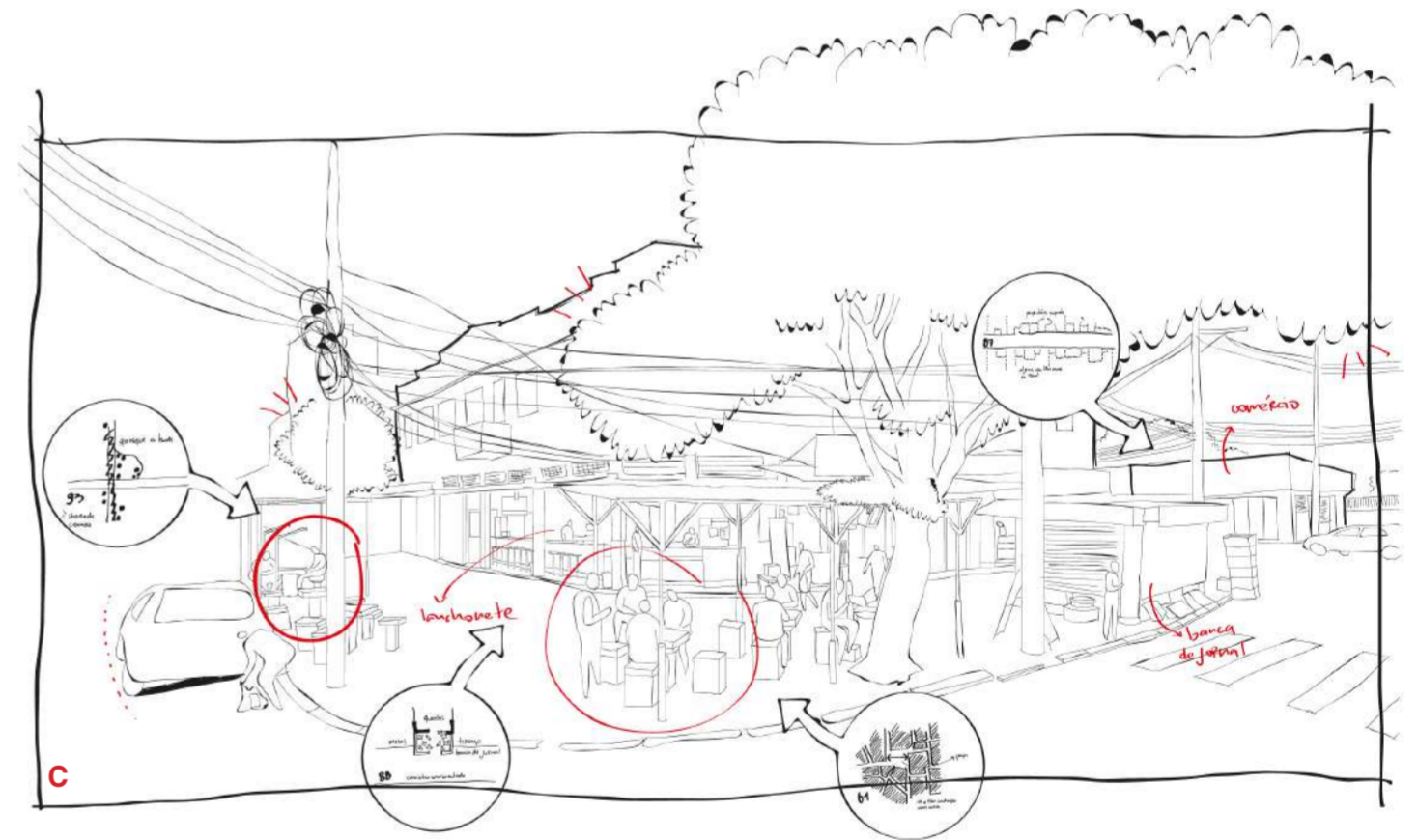
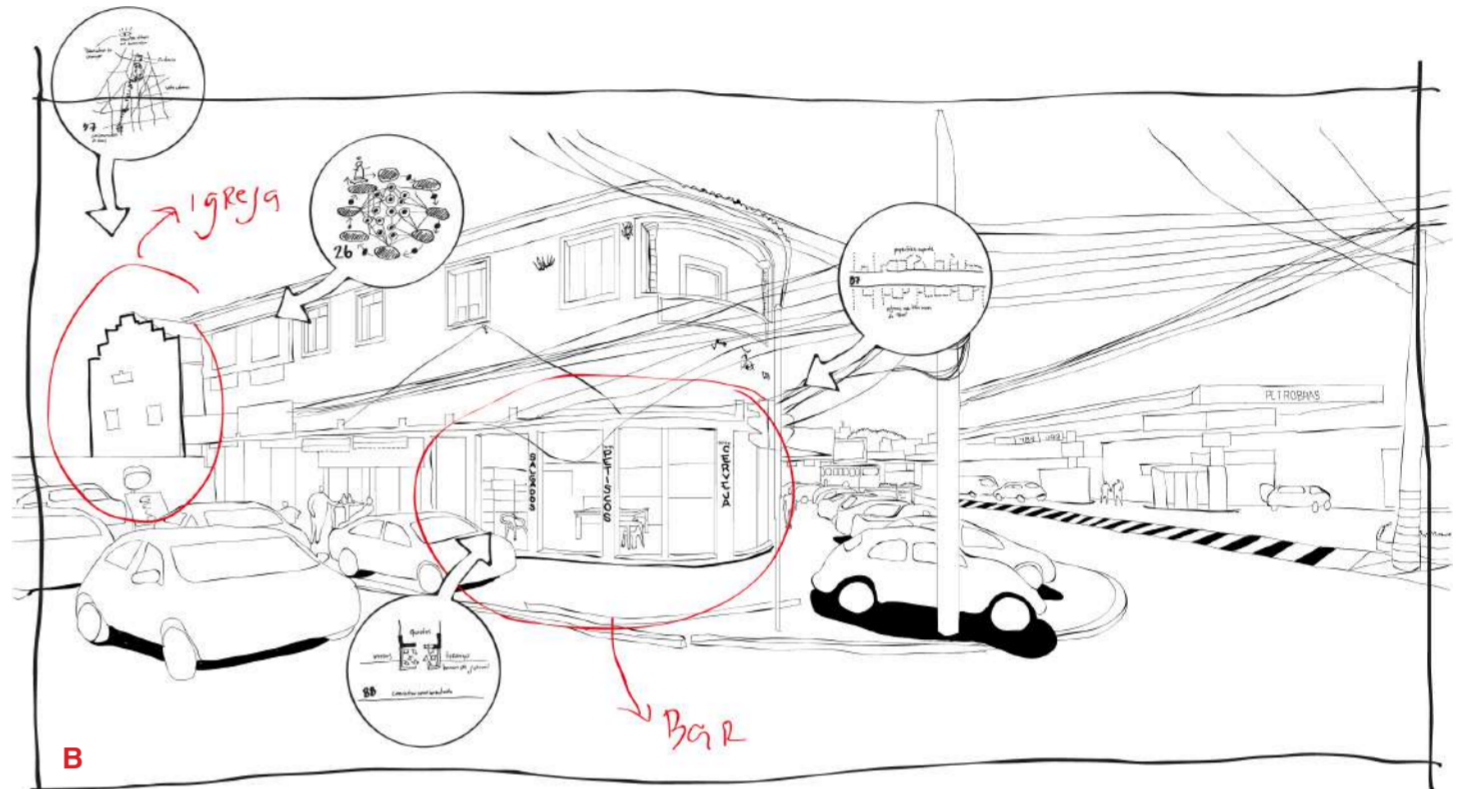
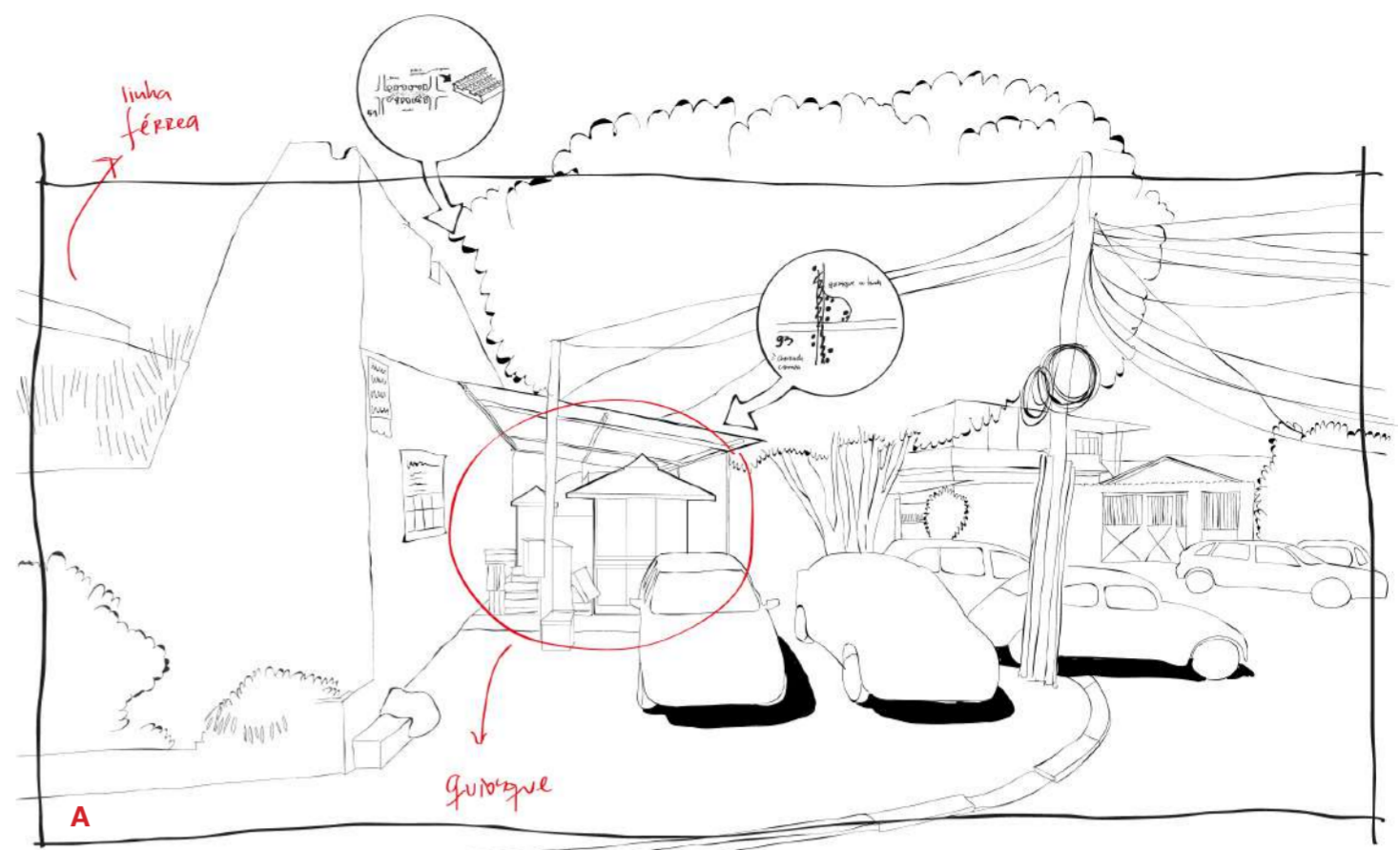
- 25. Acesso à água
- 26. Ciclo da vida
- 51. Ruas verdes
- 57. Crianças na cidade
- 60. Praças acessíveis
- 72. Locais de esportes
- 87. Lojas de propriedade individual
- 88. Café com mesas na calçada
- 93. Quiosques de venda de alimentos
- 124. Bolsões de atividade
- 171. Lugares configurados por árvores
- 173. Jardim protegido



trecho 1

- 25. Acesso à água
- 26. Ciclo da vida
- 29. Anéis de densidade
- 30. Nós de atividade
- 51. Ruas verdes
- 57. Crianças na cidade
- 60. Praças acessíveis
- 61. Praças públicas pequenas
- 72. Locais de esportes
- 87. Lojas de propriedade individual
- 88. Café com mesas na calçada
- 89. Mercarias de esquina
- 93. Quiosques de venda de alimentos
- 124. Bolsões de atividade
- 171. Lugares configurados por árvores
- 173. Jardim protegido

▲ **Figura 28.**
Intervenção sobre
imagem aérea do
Google Earth.
Fonte: elaborado pela
autora.

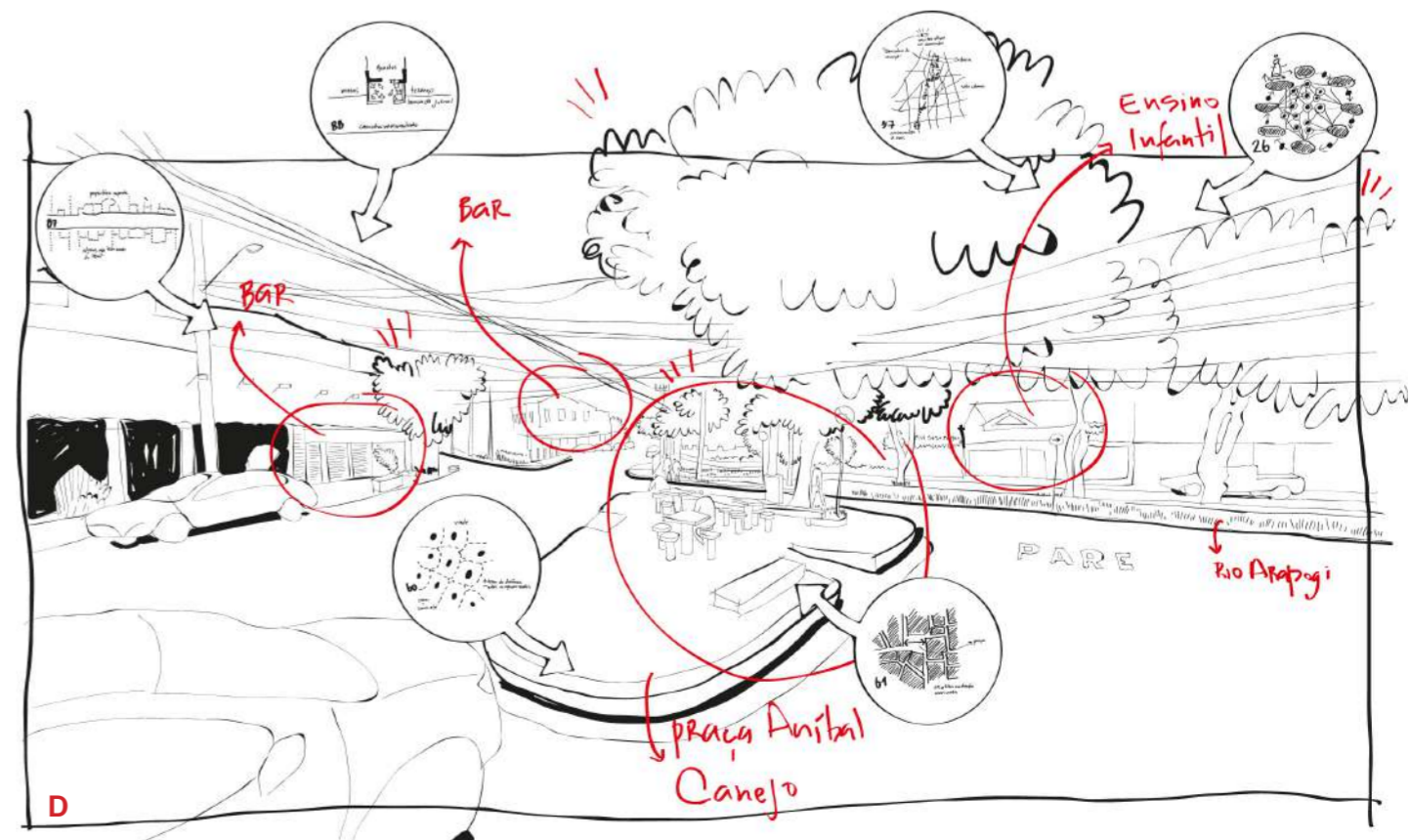
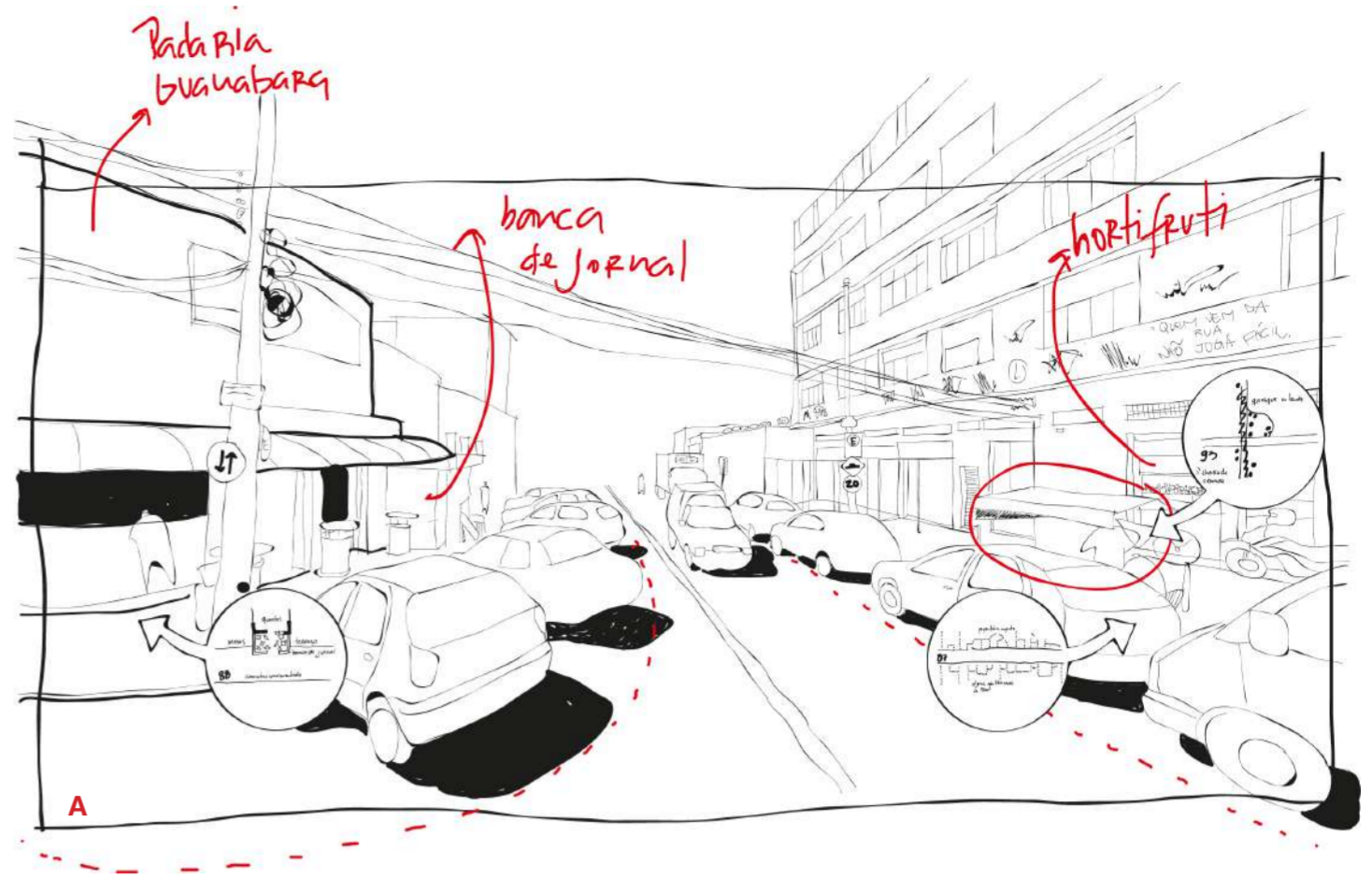




trecho 2

- 25. Acesso à água
- 26. Ciclo da vida
- 29. Anéis de densidade
- 30. Nós de atividade
- 51. Ruas verdes
- 57. Crianças na cidade
- 60. Praças acessíveis
- 61. Praças públicas pequenas
- 72. Locais de esportes
- 87. Lojas de propriedade individual
- 88. Café com mesas na calçada
- 89. Mercarias de esquina
- 93. Quiosques de venda de alimentos
- 124. Bolsões de atividade
- 171. Lugares configurados por árvores
- 173. Jardim protegido

▲ **Figura 29.**
Intervenção sobre
imagem aérea do
Google Earth.
Fonte: elaborado pela
autora.

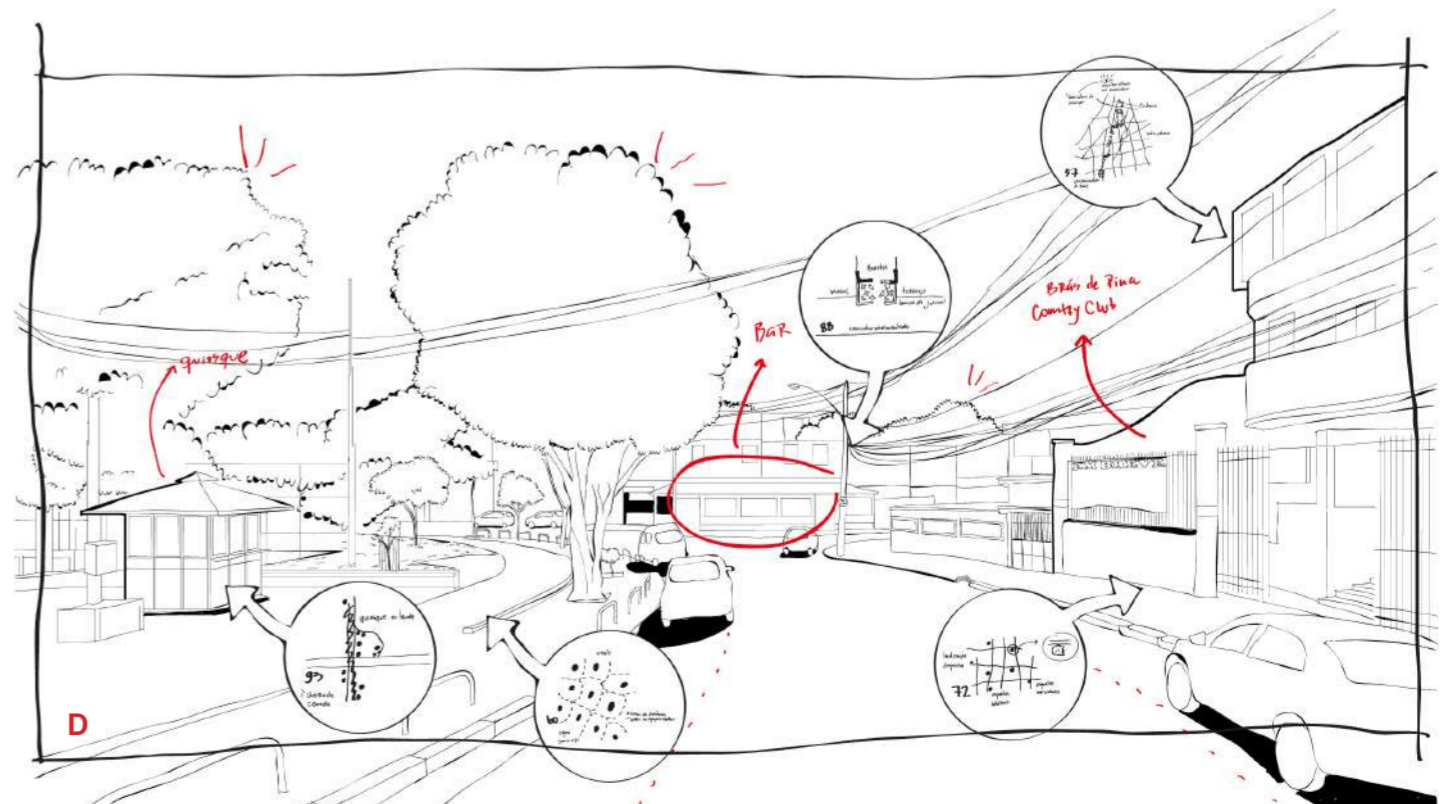
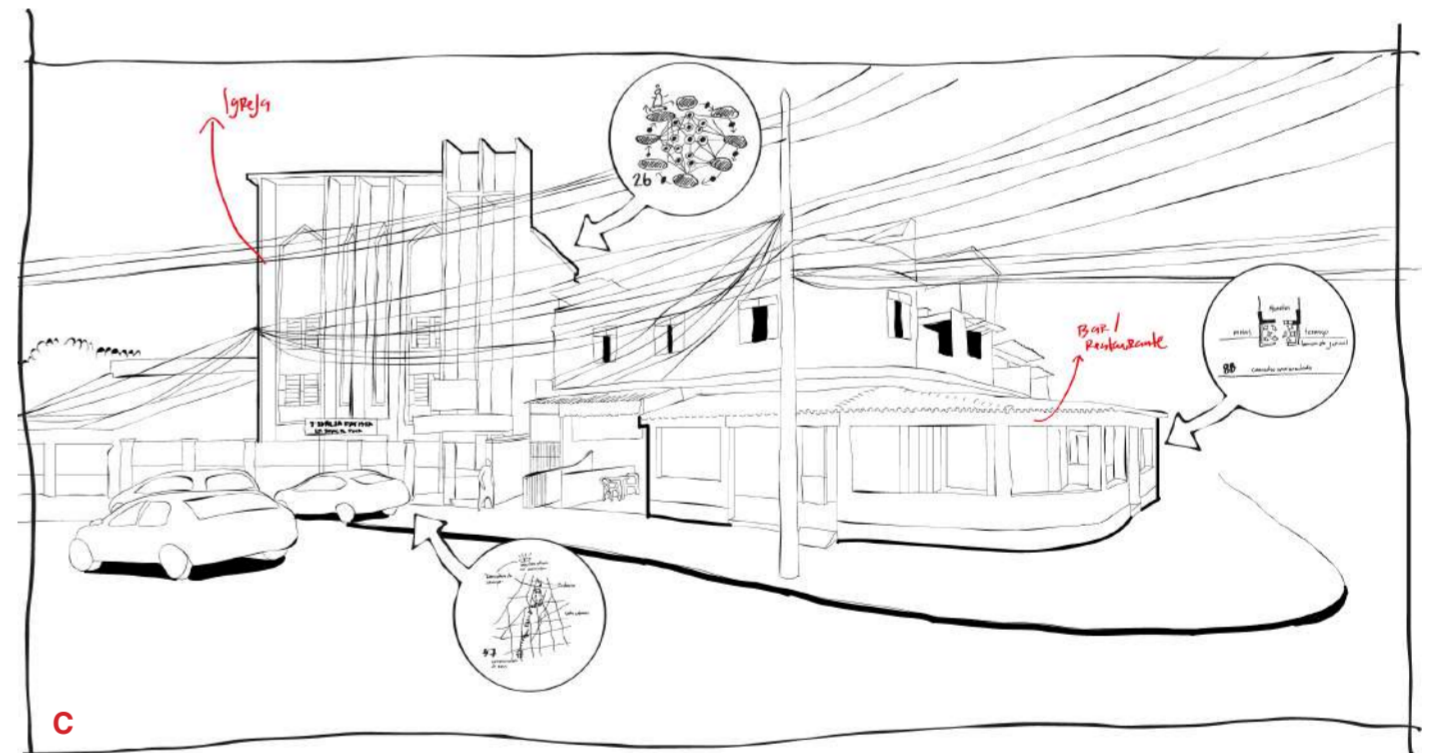
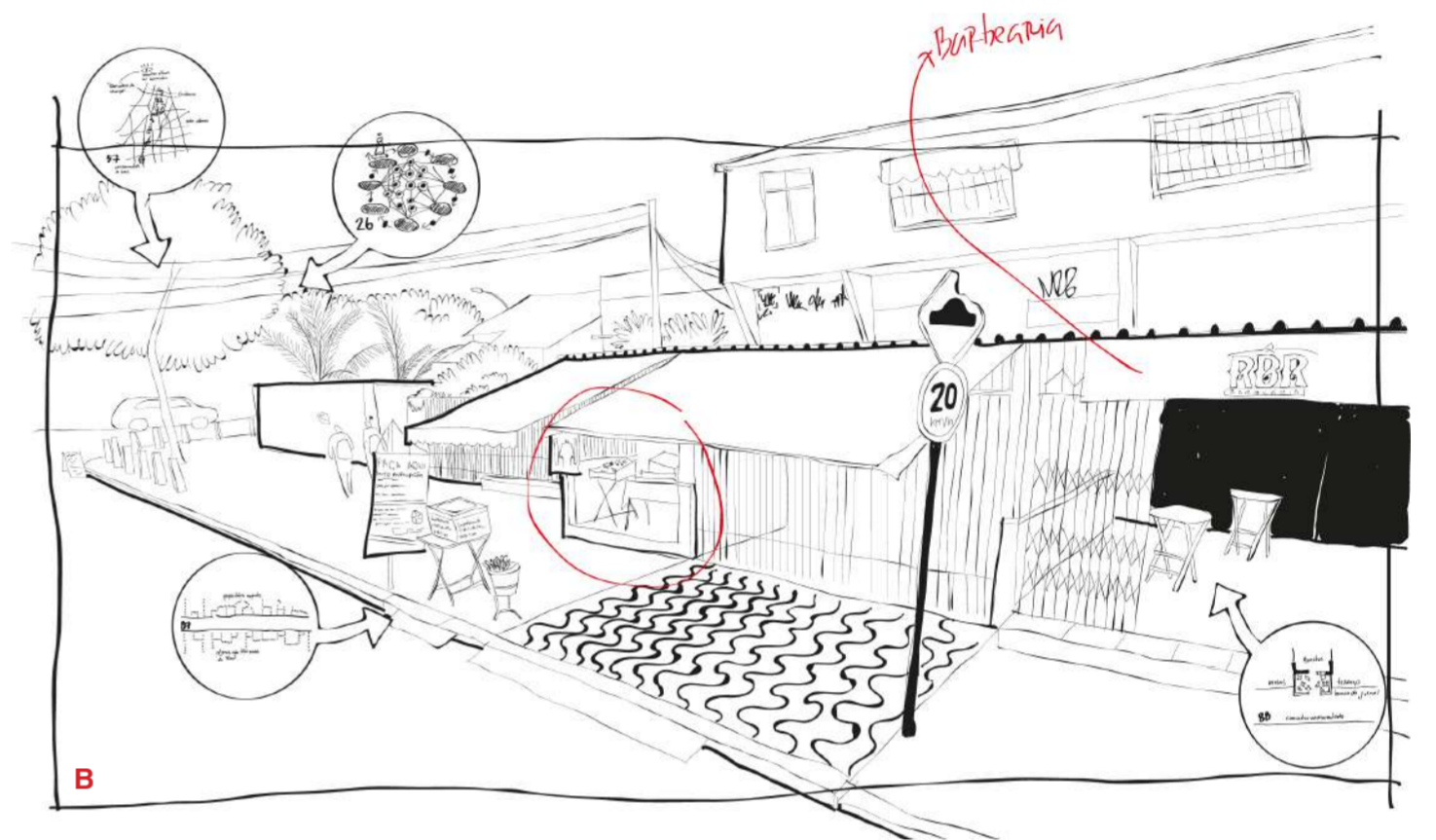
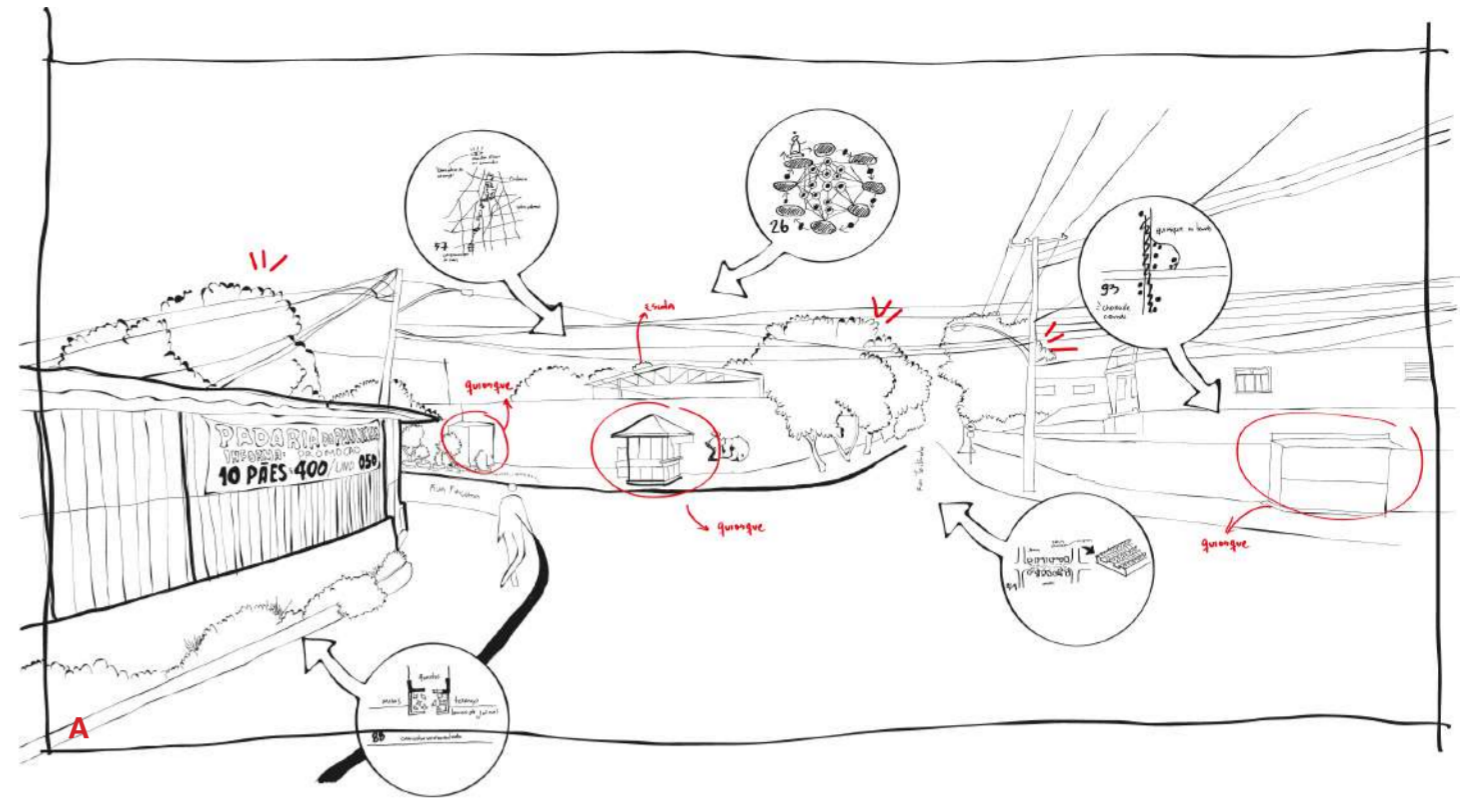




trecho 3

- 25. Acesso à água
- 26. Ciclo da vida
- 29. Anéis de densidade
- 30. Nós de atividade
- 51. Ruas verdes
- 57. Crianças na cidade
- 60. Praças acessíveis
- 61. Praças públicas pequenas
- 72. Locais de esportes
- 87. Lojas de propriedade individual
- 88. Café com mesas na calçada
- 89. Mercadorias de esquina
- 93. Quiosques de venda de alimentos
- 124. Bolsões de atividade
- 171. Lugares configurados por árvores
- 173. Jardim protegido

▲ **Figura 30.**
Intervenção sobre
imagem aérea do
Google Earth.
Fonte: elaborado pela
autora.



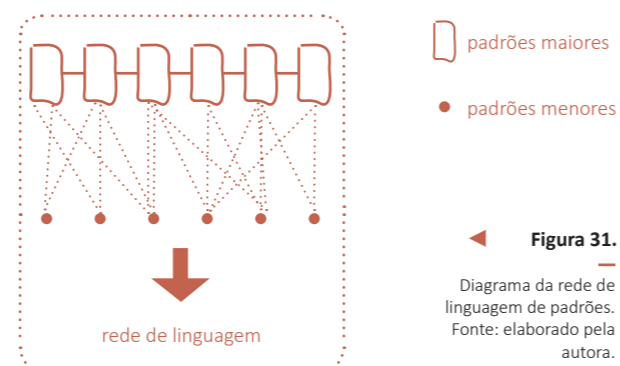
7. Diretrizes projetuais

Diante do que foi apresentado e identificado nos capítulos anteriores, acredita-se ser possível traçar a partir desse ponto diretrizes projetuais que irão ao encontro a criação de um sistema que promova a requalificação de espaços livres do bairro de Brás de Pina com vistas a qualificá-los enquanto lugares de convivência entre diferentes a partir da metodologia aplicada na leitura de padrões identificados. Nesse caso, compreende-se o espaço público na totalidade das vias, sendo elas: ruas e vielas, boulevares e avenidas, largos e praças, passeios e esplanadas, cais e pontes, bem como rios e canais, margens e praias (PANERAI, 2014), “esse conjunto organiza-se em rede a fim de permitir a distribuição e circulação”. A fase projetual apresenta-se assim como o momento de consolidação das análises e inquietações construídas ao longo do trabalho.

Para Jane Jacobs um bairro mal sucedido seria aquele que mesmo diante da sobrecarga de deficiências e problemas estaria cada vez mais inerte diante deles. Esse aspecto nos incita a pensar não somente a cidade, como o bairro em si, como um campo de experimentação a partir de intervenções em pequena escala nos espaços livres, estimulando assim as sensações de segurança atrelada a qualidade da paisagem oferecida ao pedestre abordada por Jan Gehl em seu livro “*Cidades para pessoas*” (2013).

Considera-se assim as oportunidades de uso e exploração do local.

Como abordagem utiliza-se da linguagem de padrão apresentada por Alexander como metodologia projetual utilizada na composição deste trabalho, e que se propõe a atuar nos espaços livres relacionando tecidos urbanos sem interação entre si, na possibilidade de unir esses espaços em um sistema, mesmo que não literalmente. Cada padrão se apresenta de modo a promover uma requalificação urbana no bairro com um recorte nas suas áreas livres. Nesse caso, adotou-se que cada padrão conectado a **padrões "maiores"** (ou mais abrangentes), e a certos **padrões "menores"** (ou mais específicos) estruturariam uma rede a partir da escolha de padrões que se mostrariam mais úteis dentro do sistema proposto.

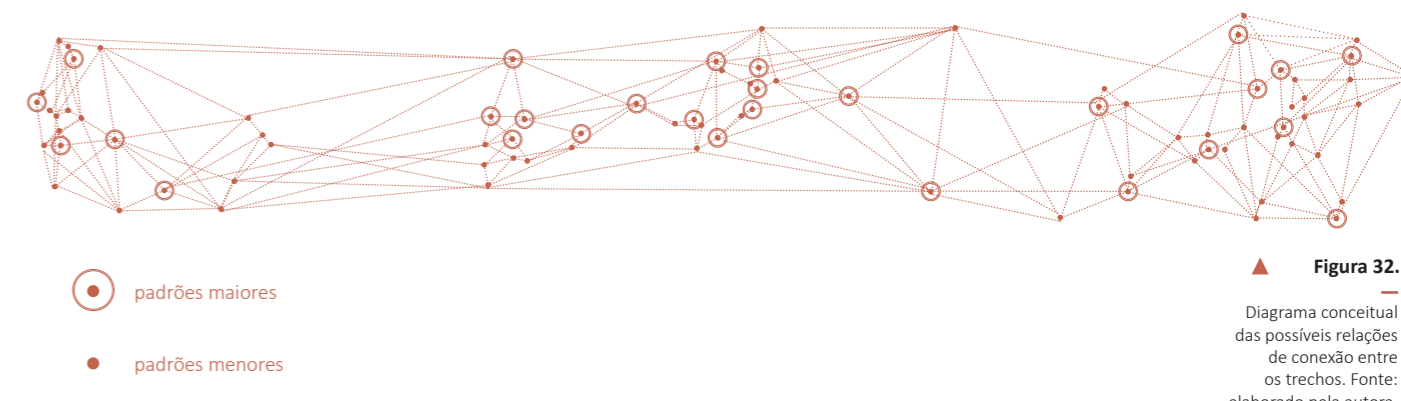


Com base nos **elementos urbanos** que estruturam os trechos do recorte proposto a partir da identificação dos padrões, destacam-se diretrizes projetuais que buscam estimular as *trocas no território*, o *contato com a água*, bem como a *criação de uma rede de espaços livres*, elencando para tal duas ações principais: articular e fortalecer. Onde a ação de **articular** se propõe a atuar nos espaços livres relacionando elementos urbanos sem interação entre si, a fim de que haja uma melhora urbana na qualidade geral do ambiente. E a ação de **fortalecer** que busca a potencialização das áreas livres enquanto espaço urbano público, de modo que possam funcionar enquanto um sistema.

Estratégia projetual

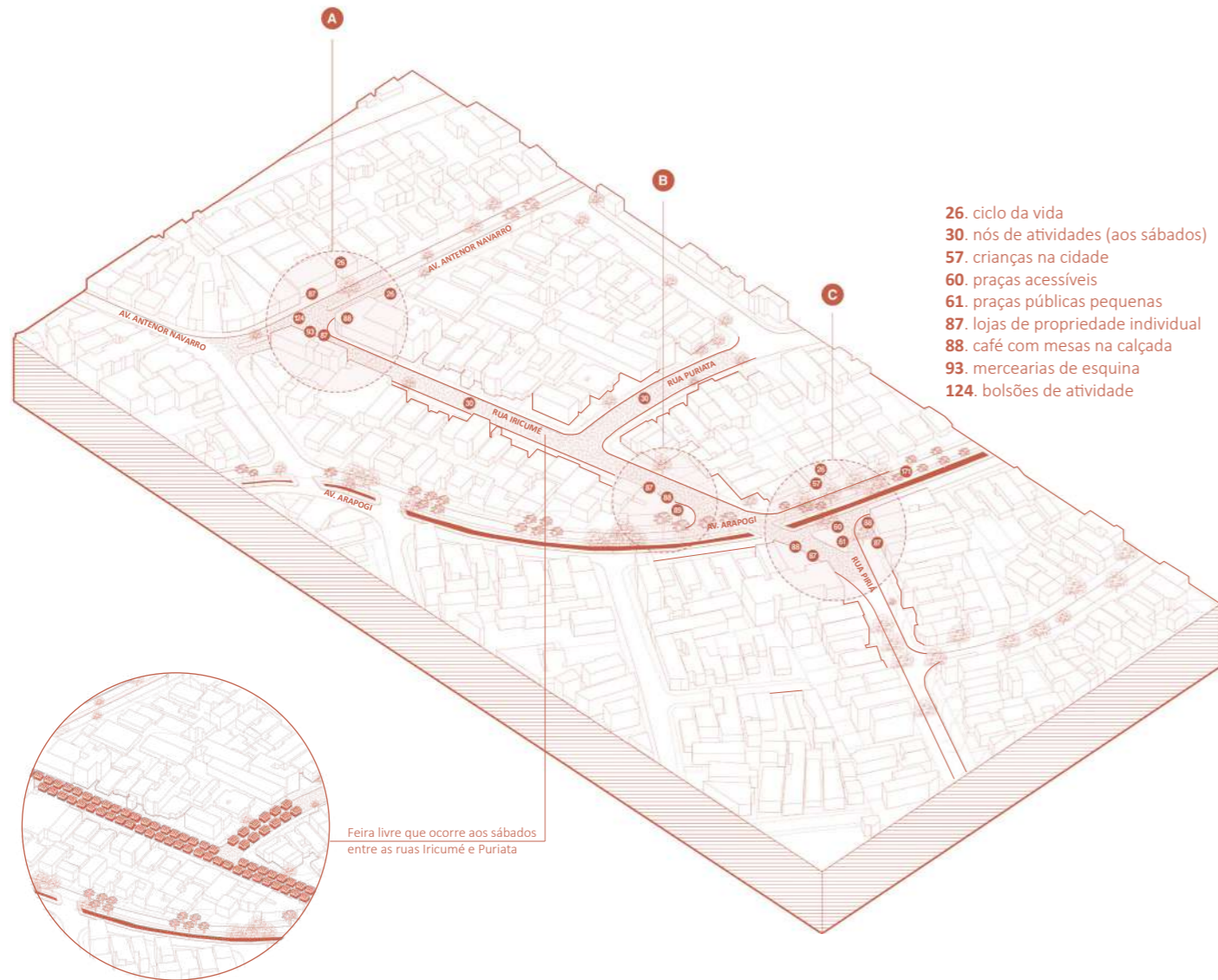
Partindo do entendimento de que o padrão não é uma entidade isolada, o projeto se apresenta como sendo a junção dos padrões macro e micro a serem trabalhados na escala local, na escala do bairro. Onde cada padrão sustentado por outros padrões são capazes de gerar um organismo capaz de metabolizar e interagir com os outros mecanismos, num ecossistema.

O que temos abaixo é um diagrama conceitual que ilustra os padrões maiores (dentro dos quais ele se inclui) e os padrões menores (nele inserido) identificados nos trechos, articulados em um sistema.

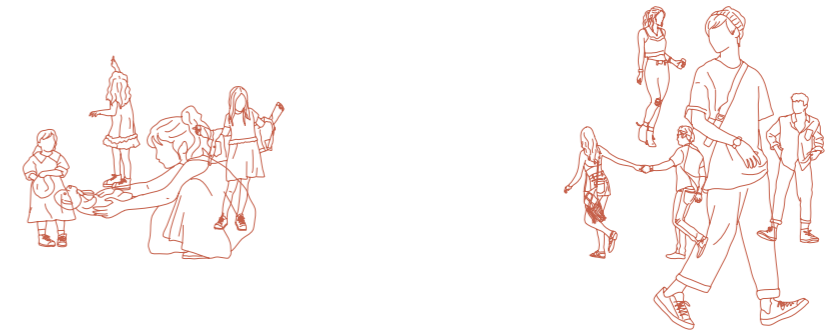


8. Experimentações de aprofundamento

Trecho 2

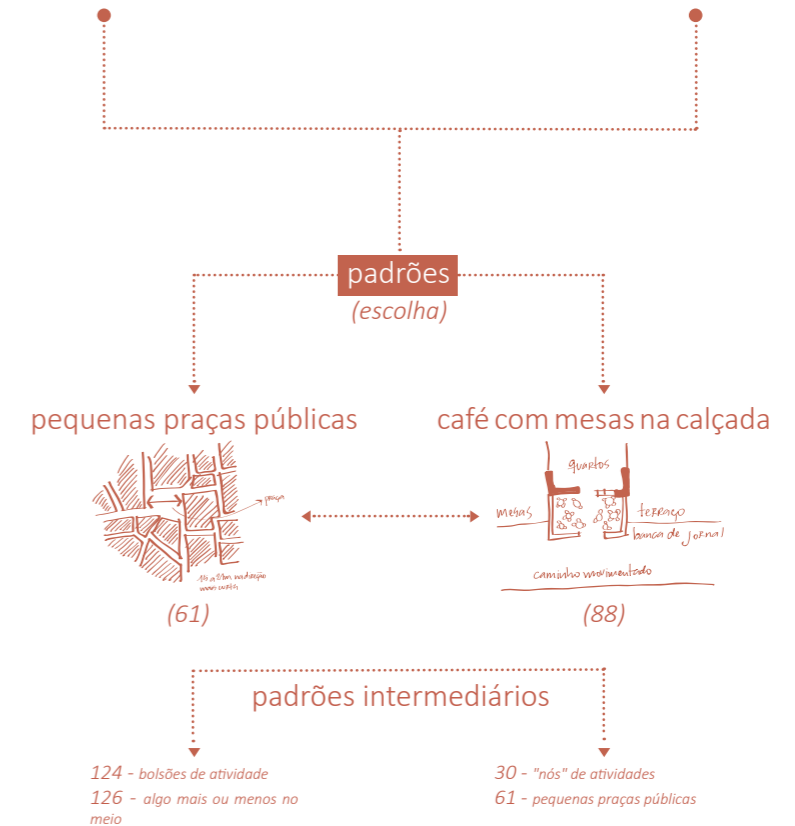


Feira livre que ocorre aos sábados entre as ruas Irlumé e Puriata



crianças

jovens até 29 ans



Figuras 33

Diagrama síntese que ilustra o critério de escolha dos padrões. Fonte: Elaborado pela autora.

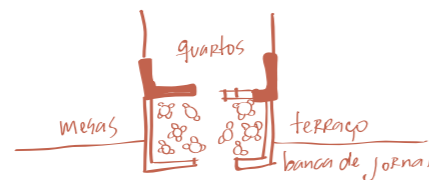
Padrões escolhidos



pequenas praças públicas

Segundo Alexander, esse padrão forma o núcleo que forma um nó de atividade com o entorno, podendo em suma gerar um nó apenas pela sua existência, desde que posto corretamente ao longo da intersecção dos caminhos que as pessoas mais utilizam.

Nesse caso, as praças operam como pequenas salas e não se mostram desertas se muito grandes. Podendo gerar um nó de atividade com o entorno. Para tanto, ele sugere que use faça uma praça pública menor do que se possa imaginar, não ultrapassando 21 metros em sua largura na direção mais curta.



88 caminho movimentado

cafés com mesas nas calçadas

O "café" aqui foi interpretado como o tradicional botequim / boteco tão presente nos bairros suburbanos. O padrão trata da ocupação da rua de modo a promover um lugar agradável onde as pessoas possam se sentar preguiçosamente. Indicando para tal a abertura dos espaços para a rua, de modo que as pessoas possam se sentar com uma bebida e admirar o mundo à sua volta. Nesse caso, trabalha-se a frente do botequim que forma que um conjunto de mesas se estenda para fora, direto para rua.



Figuras 34 e 35. ▲

Fotografias que ilustram o padrão 61, "pequenas praças públicas".
Fonte: A Pattern Language, p. 310, 1977.



Figura 36. ▲

Fotografia que ilustra o padrão 88, "café com mesas na calçada".
Fonte: A Pattern Language, p. 436, 1977.

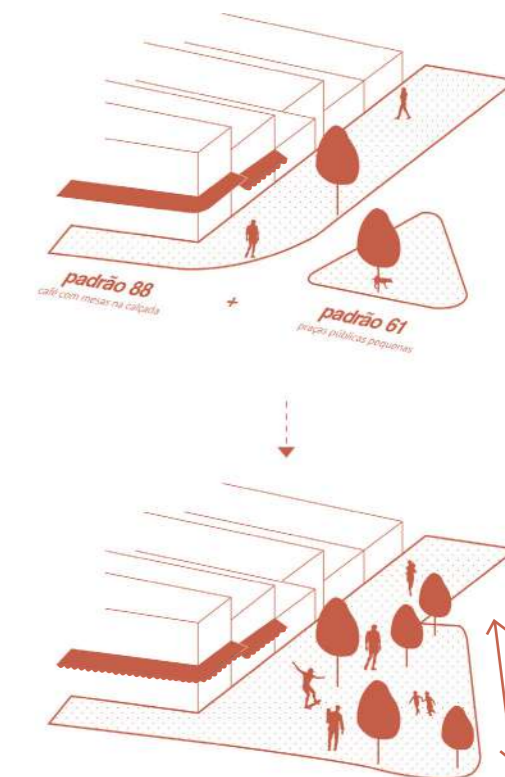


Figura 37. ▲

Diagrama conceitual da possibilidade de integração dos espaços públicos a partir dos padrões.
Fonte: elaborado pela autora.

Intervenções de natureza autônoma

Para desenvolvimento inicial optou-se pela eleição dos padrões 61 (pequenas praças públicas) e 88 (café com mesas na calçada), que ofereceram em um primeiro momento uma visão de como o padrão poderia simplificar a sua execução e o entendimento de melhoria desse ambiente por parte da população, além de serem capazes de dar ao bairro identidade, uma vez que seus pontos naturais de foco são disponibilizados por "nós de atividade" (padrão intermediário que pode ser relacionado tanto ao padrão de pequenas praças públicas, quanto de café com mesas na calçada), segundo Alexander.

Foram consideradas as possibilidades desses padrões poderem ser executados pela população local, de modo a conferir-lhes autonomia, bem como em um curto prazo, através de alterações de menor complexidade, mas de grande efeito.

1. adoção de cobertura por toldos retráteis
2. avanço das cadeiras para rua com delimitação do espaço
3. redesenho da praça
4. pintura da faixa de pedestres
5. ampliação de calçada



estado atual



Figura 38. ▲
Vista atual padrão 88, "café com mesas na calçada".
Fonte: Google Street View, 2019.

estratégia de intervenção



Figura 39. ▲
Vista da proposta de intervenção no padrão 88, com participação dos moradores.
Fonte: Google Street View, 2019.

estado atual



Figura 40. ▲
—
Vista atual dos padrões
88 - "café com mesas
na calçada", e 61
- "pequena praça
pública".
Fonte: Google Street
View, 2019.

estratégia de intervenção



Figura 41. ▲
—
Vista da proposta
de intervenção nos
padrões 61 e 88,
com participação dos
moradores.
Fonte: Google Street
View, 2019.

estado atual



Figura 42. ▲
—
Vista atual dos padrões
88 - "café com mesas
na calçada", e 61
- "pequena praça
pública".
Fonte: Google Street
View, 2019.

estratégia de intervenção



Figura 43. ▲
—
Vista da proposta
de intervenção nos
padrões 61 e 88,
com participação dos
moradores.
Fonte: Google Street
View, 2019.

Intervenções de natureza heterônoma

A partir da interpretação dos padrões, busca-se aqui incorporar a eles intervenções de infra-estrutura com natureza mais complexa, uma vez que demandariam a colaboração de agentes externos para sua execução. As ações projetuais nesse caso se debruçam na melhoria do ambiente a partir de intervenções que atuarão no estado de conservação das calçadas, bem como na criação de novos elementos de travessia e de infra-estrutura verde, na adoção de jardins de chuva e canteiros pluviais nas esquinas.

Acredita-se que esses elementos somados à identificação prévia dos padrões, são passíveis de uma articulação no território capaz de prover o fortalecimento do espaço urbano público.

1. novos mobiliários de permanência
2. fonte lúdica de água
3. jardim de chuva
4. travessia elevada
5. ponte
6. canteiro pluvial



estado atual



Figura 44. ▲
Vista atual padrão 88,
"café com mesas na
calçada".
Fonte: Google Street
View, 2019.

estratégia de intervenção



Figura 45. ▲
Vista da proposta de
intervenção no padrão
88, com participação de
atores externos.
Fonte: Google Street
View, 2019.

estado atual



Figura 46. ▲
—
Vista atual dos padrões
88 - "café com mesas
na calçada", e 61
- "pequena praça
pública".
Fonte: Google Street
View, 2019.

estratégia de intervenção



Figura 47. ▲
—
Vista da proposta
de intervenção nos
padrões 61 e 88, com
participação dos atores
externos.
Fonte: Google Street
View, 2019.

estado atual



Figura 48. ▲
—
Vista atual dos padrões
88 - "café com mesas
na calçada", e 61
- "pequena praça
pública".
Fonte: Google Street
View, 2019.

estratégia de intervenção



Figura 49. ▲
—
Vista da proposta
de intervenção nos
padrões 61 e 88, com
atores externos.
Fonte: Google Street
View, 2019.

9. Bibliografia

- ALBERNAZ, Maria Paula. **Formas de ocupação na cidade do Rio de Janeiro: abordagens morfológicas na investigação do tecido urbano**. IV ENANPARQ, 2016, Sessão temática: Morfologia Urbana.

- ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray; JACOBSON, Max; FIKSDAHL-KING, Ingrid; ANGEL, Sholmo. *Uma Linguagem de Padrões*. A Pattern Language. Porto Alegre, Bookman, 2013.

- BANDEIRA, Tiago; GONÇALVES, Paulo Jorge; VIDAL, Patricia. **A joia da Princesinha: 90 anos da Paróquia de Santa Cecília de Braz de Pina**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda, 2019.

- FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson. **Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

- FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson; VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva et al. **Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3. ed. São Paulo: Projeto FINEP; IBAM, 1985.

- GEHL, Jan. **Vida nas Cidades: Como Estudar** / Jan Gehl, Birgitte Svarre; tradução Anita Di Marco.-1.ed.- São Paulo: Perspectiva, 2018.

- HANNES, Evy. **Espaços abertos / espaços livres: um estudo de tipologias**. Paisagem E Ambiente: ensaios, (37), 121-144- 2016.

- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

- REGO, Andrea Queiroz et al. **Sistemas de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras - Um Debate Conceitual**. Paisagem E Ambiente: ensaios, (26), 225-247- 2009.

- TARDIN, Raquel. **Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

- VESCINA, Laura Mariana. **Projeto urbano, paisagem e representação: alternativas para o espaço metropolitano**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2010.

- **Bairros do Rio**. Instituto Pereira Passos. Disponível em <<http://apps.data.rio/armazenzinho/historia-dos-bairros/>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2021.

- **Data.Rio**. Instituto Pereira Passos. Disponível em <<https://www.data.rio/datasets/0d39554baf804dbdb1581f018781ccd0>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2021.

- **FGV Social**. Centro de Políticas Públicas. Disponível em <<https://cps.fgv.br/r-renda-capita-populacao-total-e-favelas-bairros-rio-de-janeiro>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2021.

- **MultiRio**. A mídia educativa da cidade. Disponível em <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/13482-br%C3%A1s-de-pina,-a-princesinha-da-leopoldina>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2021.

- **Data.Rio**. Instituto Pereira Passos. Disponível em <<https://www.data.rio/datasets/sub-bacias-hidrograficas-1/explore?location=-22.857084%2C-43.242915%2C12.00>>. Acesso em 25 de junho de 2021.



Obrigada!

Entre padrões

Uma investigação projetual em Brás de Pina

Suellen Cristinne Lima Neves

Trabalho Final de Graduação II
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

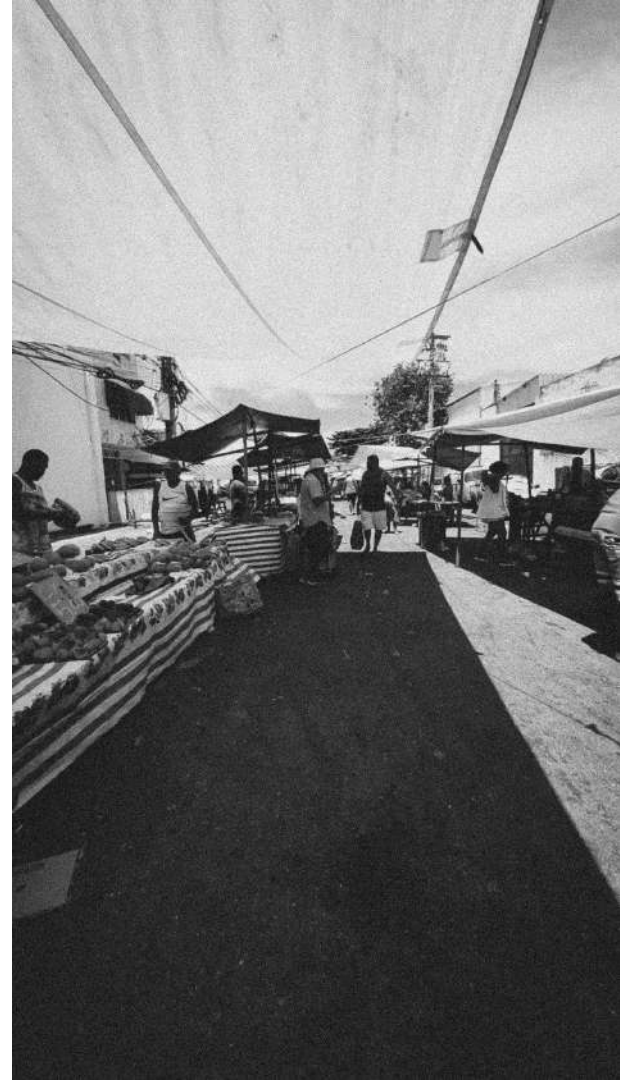
Orientadora: Aline Assis

Etapa: Estudo Final
Setembro | 2021



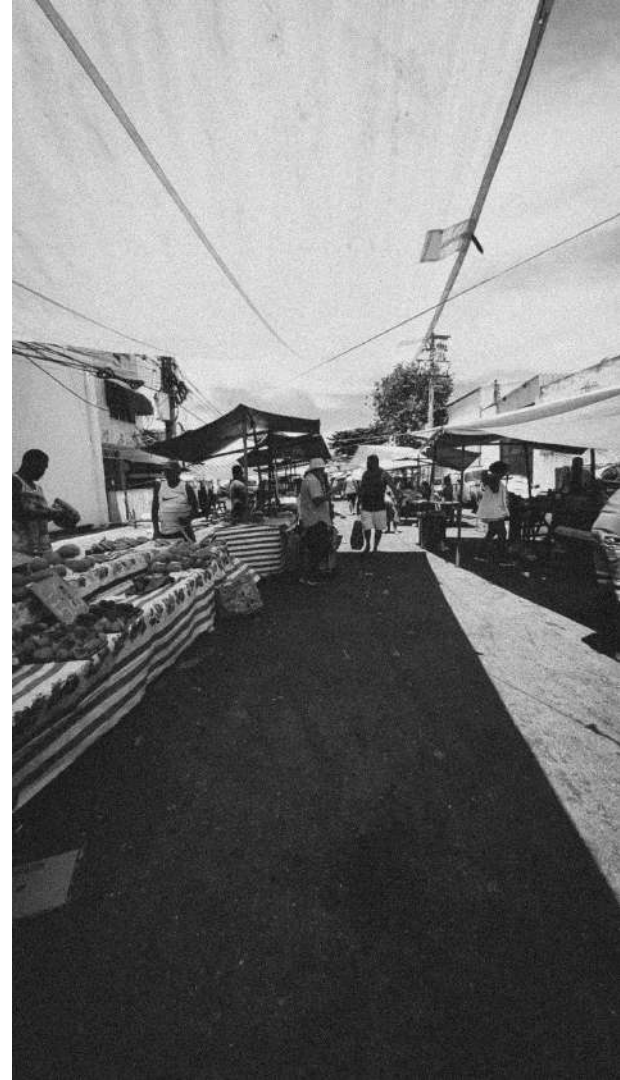
Introdução

- Trata de uma intervenção projetual que aborda como tema principal a ativação de espaços livres públicos do bairro de Brás de Pina

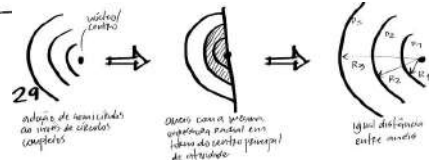
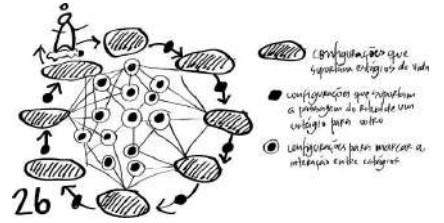
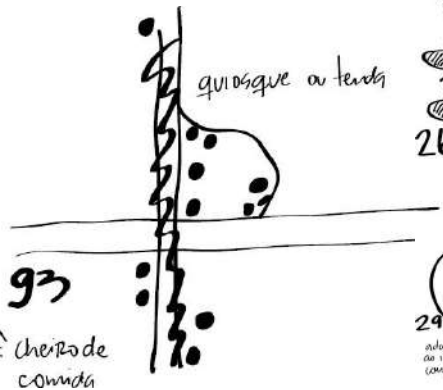
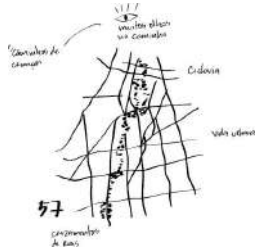
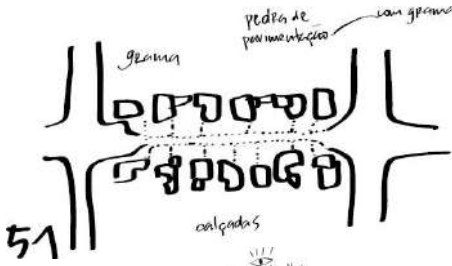
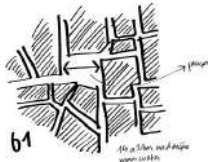


Introdução

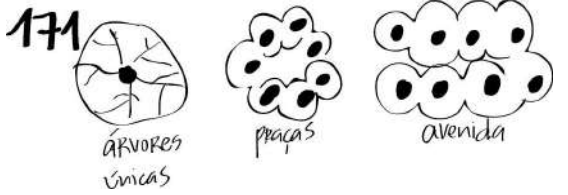
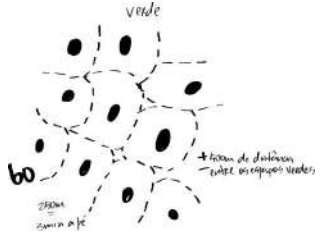
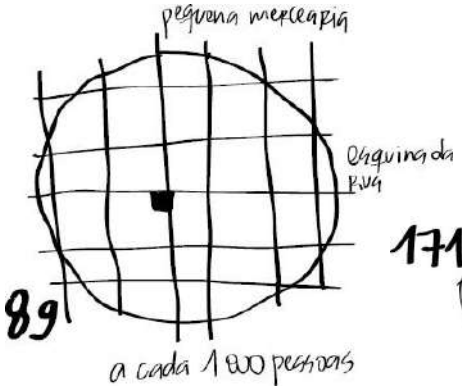
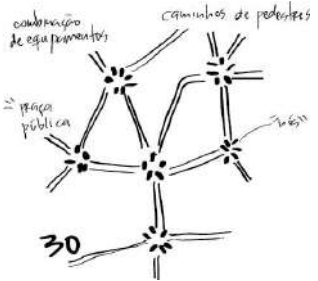
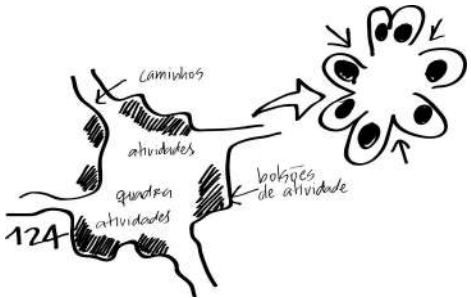
- Trata de uma intervenção projetual que aborda como tema principal a ativação de espaços livres públicos do bairro de Brás de Pina
- Tem como objetivo geral a proposição de uma intervenção viável e coerente com as demandas locais, a partir da leitura de uma linguagem de padrões



Christopher Alexander

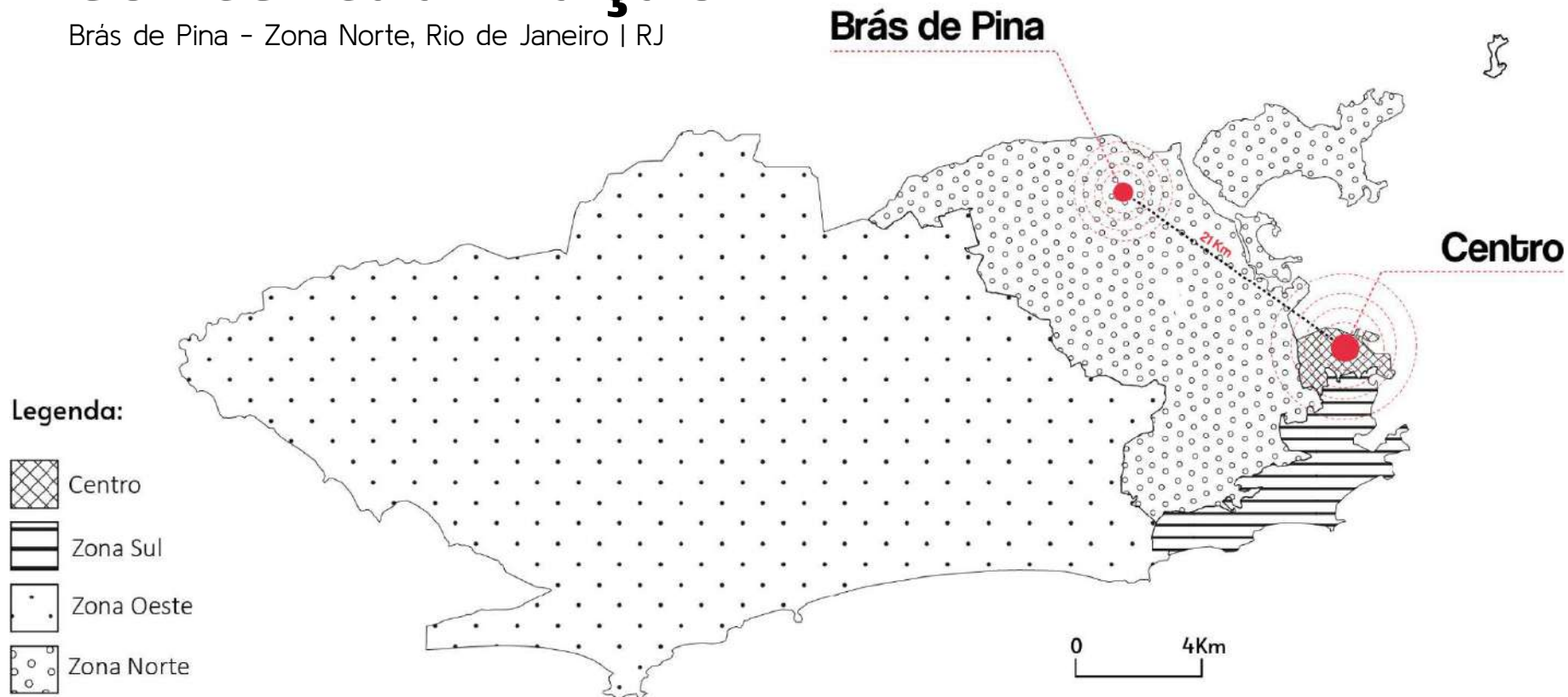


linguagem de padrões



contextualização

Brás de Pina - Zona Norte, Rio de Janeiro | RJ



contextualização

Brás de Pina - Zona Norte, Rio de Janeiro | RJ

km²

3,52

Área territorial

Fonte: IPP, 2020

contextualização

Brás de Pina - Zona Norte, Rio de Janeiro | RJ



59.222 hab

População do bairro

Fonte: IBGE - Censo
Demográfico 2010

km²

3,52

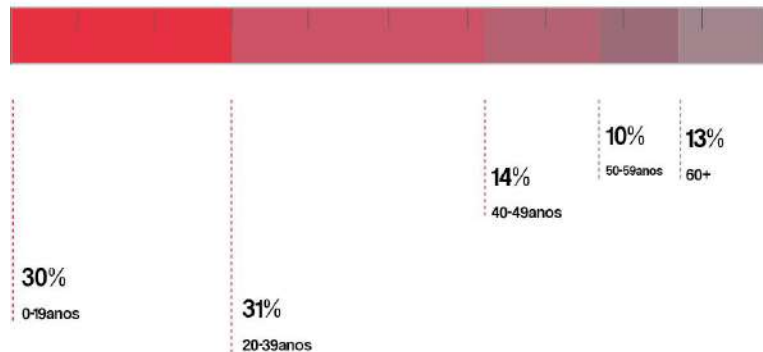
Área territorial

Fonte: IPP, 2020

contextualização

Brás de Pina - Zona Norte, Rio de Janeiro | RJ

Grupos de idade



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010



59.222 hab
População do bairro

Fonte: IBGE - Censo
Demográfico 2010

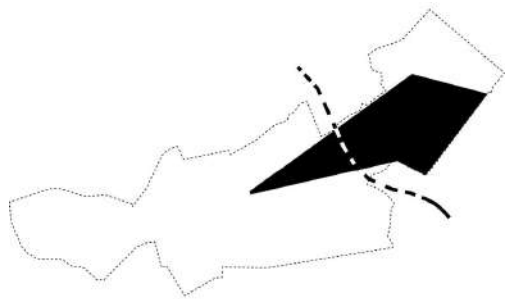
km²

3,52

Área territorial

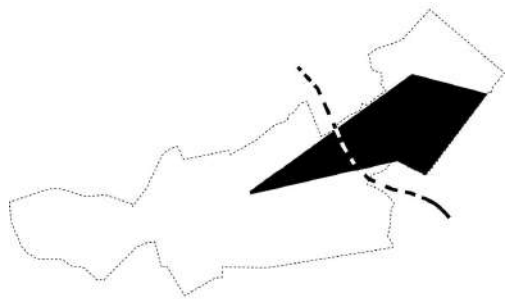
Fonte: IPP, 2020

três momentos, um bairro



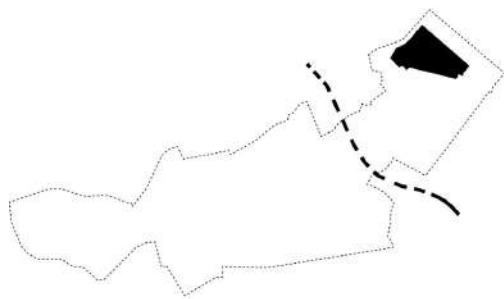
Vila Guanabara
(antes de tudo)

1920



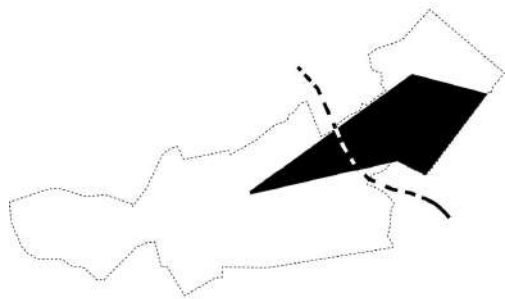
Vila Guanabara
(antes de tudo)

1920



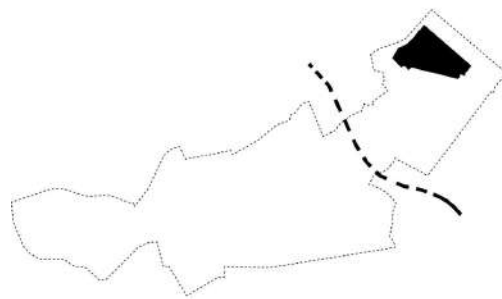
Favela de Brás de Pina
(segue o plano inicial do bairro)

1968



Vila Guanabara
(antes de tudo)

1920



Favela de Brás de Pina
(segue o plano inicial do bairro)

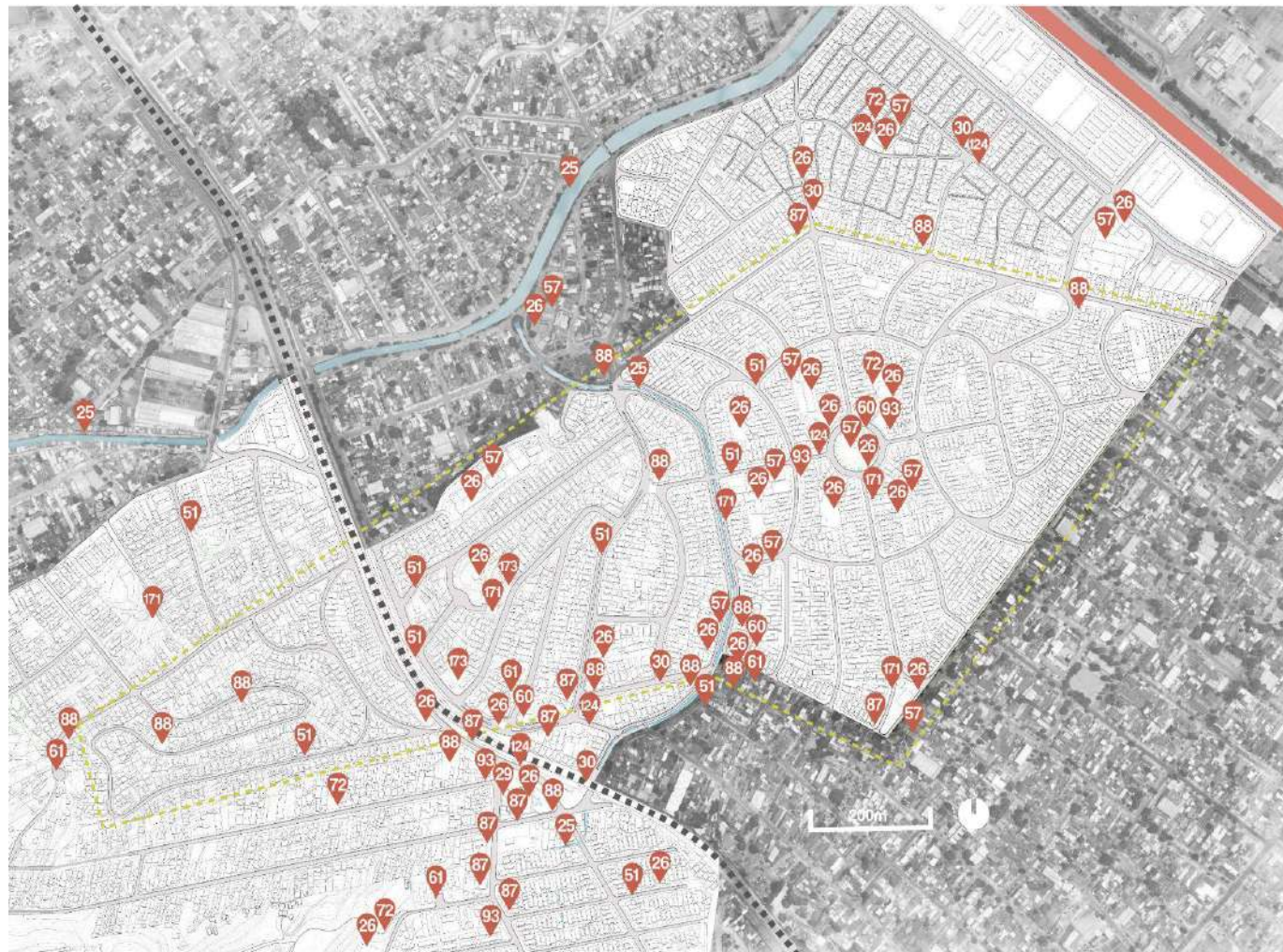
1968



Bairro de Brás de Pina
("colagem" de tudo)

2021

o recorte



- 25. Acesso à água
- 26. Ciclo da vida
- 29. Anéis de densidade
- 30. Nós de atividade
- 51. Ruas verdes
- 57. Crianças na cidade
- 60. Praças acessíveis
- 61. Praças públicas pequenas
- 72. Locais de esportes
- 87. Lojas de propriedade individual
- 88. Café com mesas na calçada
- 89. Mercadorias de esquina
- 93. Quiosques de venda de alimentos
- 124. Bolsões de atividade
- 171. Lugares configurados por árvores
- 173. Jardim protegido

leitura dos padrões



1

Elemento infraestrutural
(linha férrea)

leitura dos padrões



1

Elemento infraestrutural
(linha férrea)



2

Elemento natural
(rio + feira livre)

leitura dos padrões



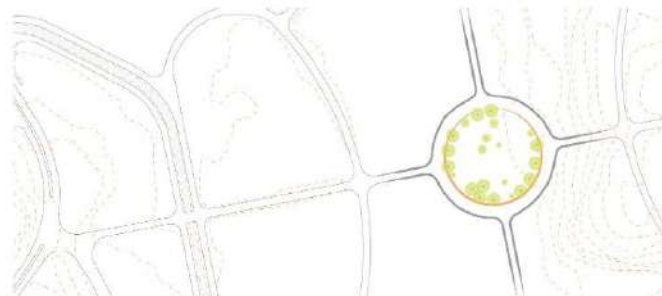
1

Elemento infraestrutural
(linha férrea)



2

Elemento natural
(rio + feira livre)

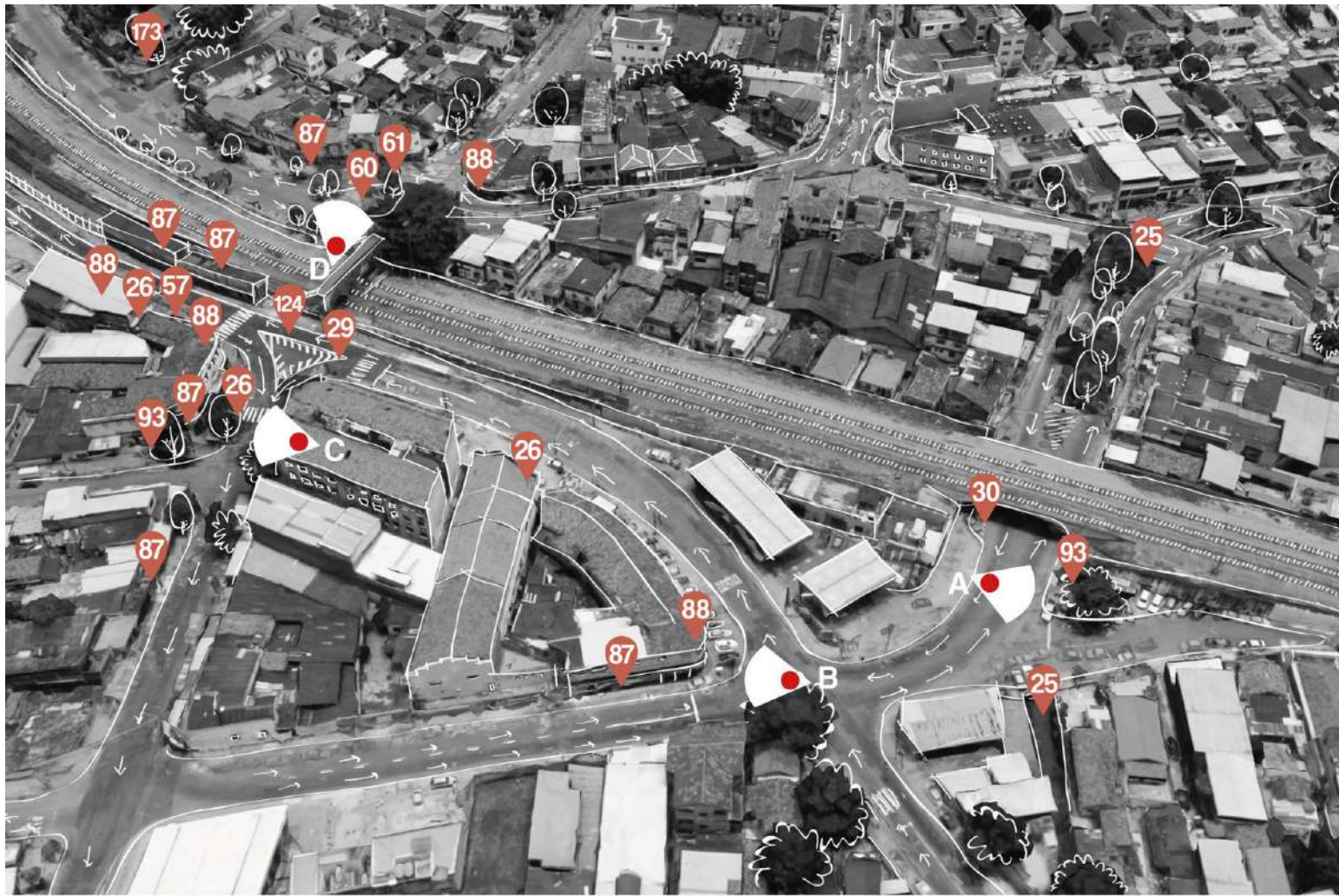


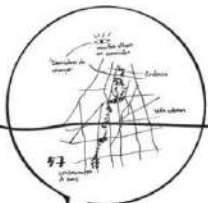
3

Elemento paisagístico
(praça)

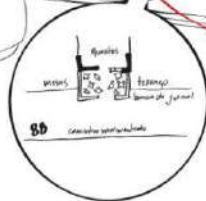
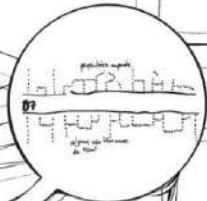
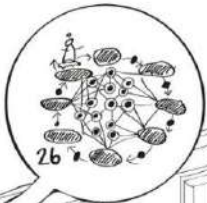
os trechos

trecho 1



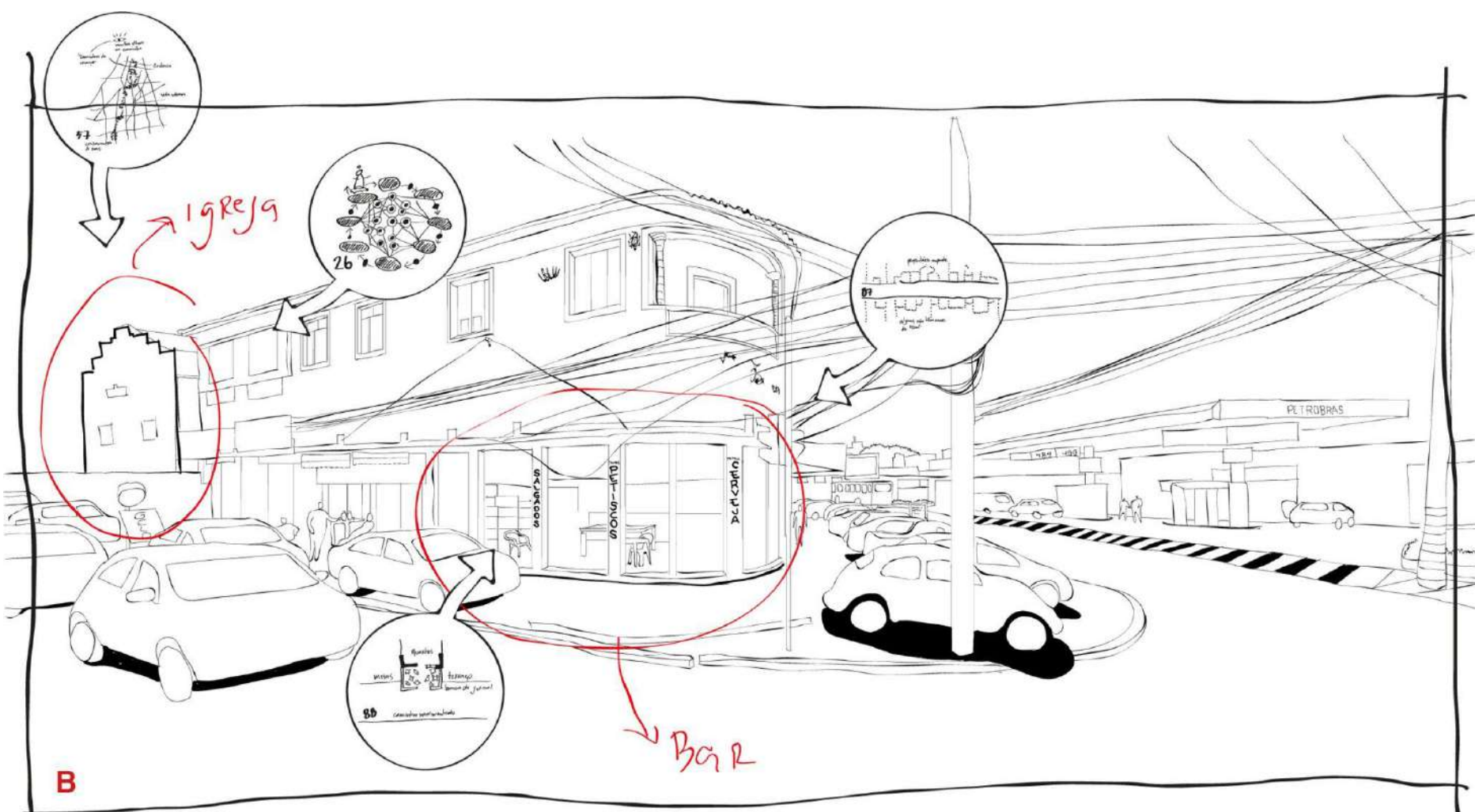


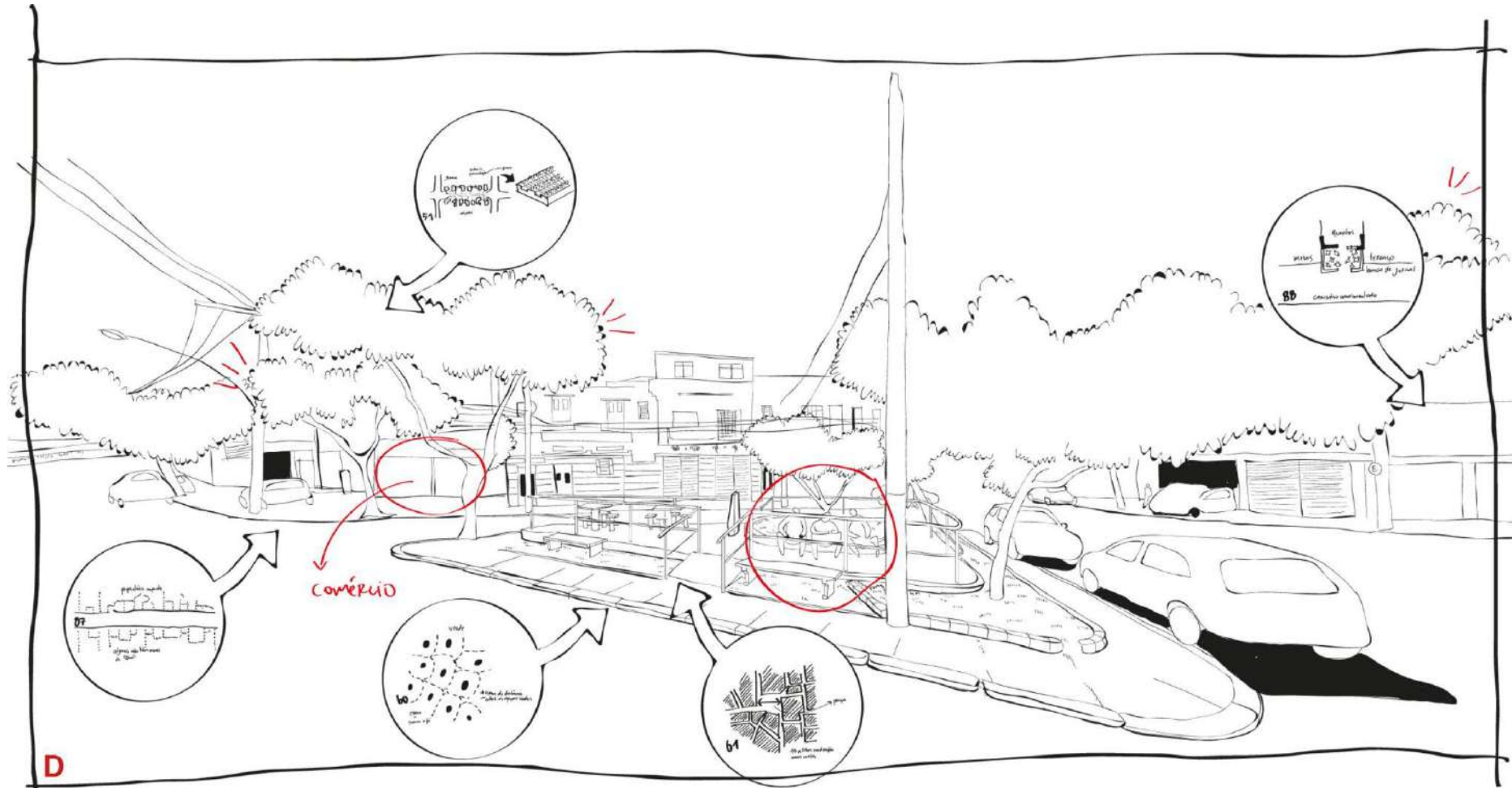
Igreja



Bar

B





D

trecho 2



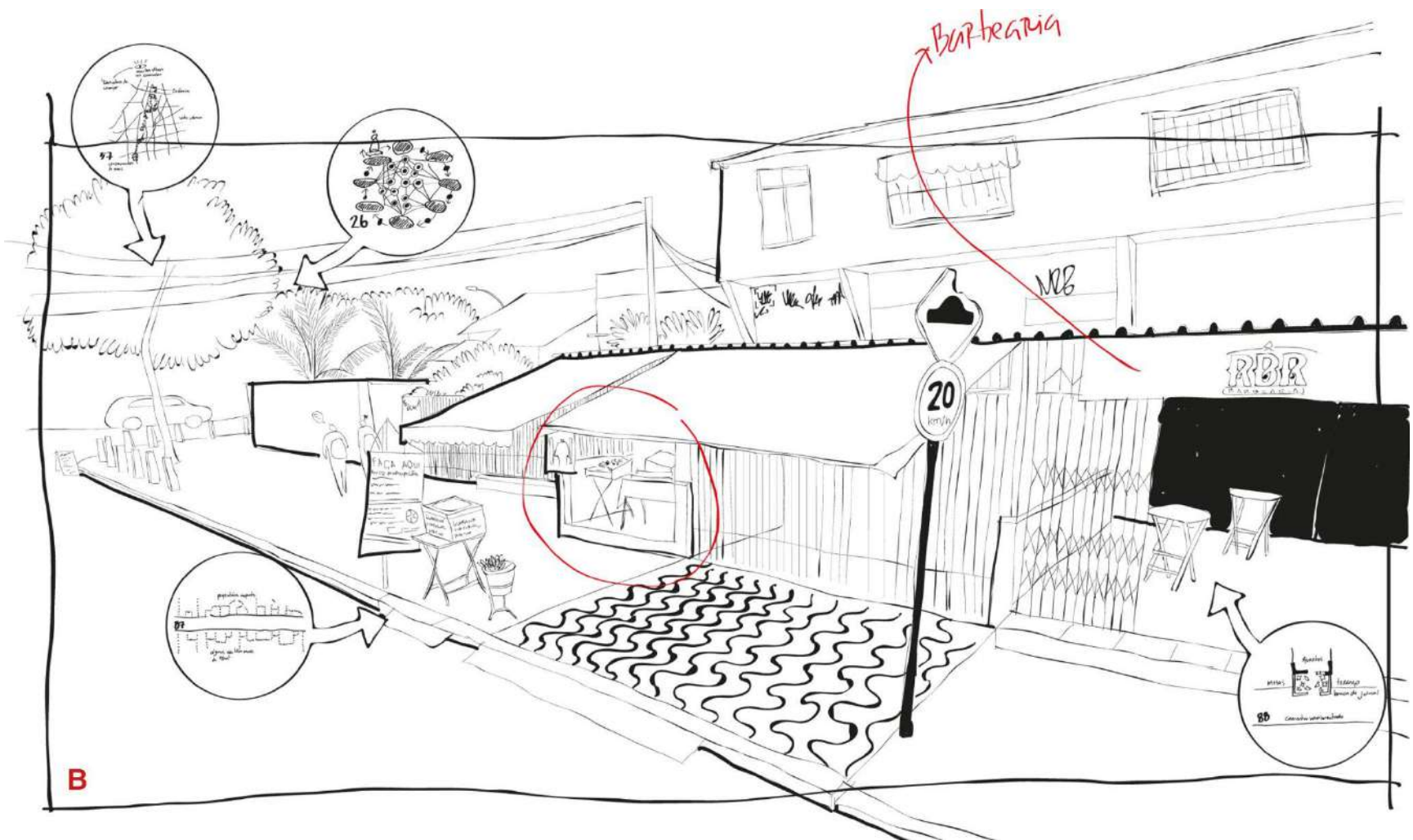


RIO ARAPUAGI

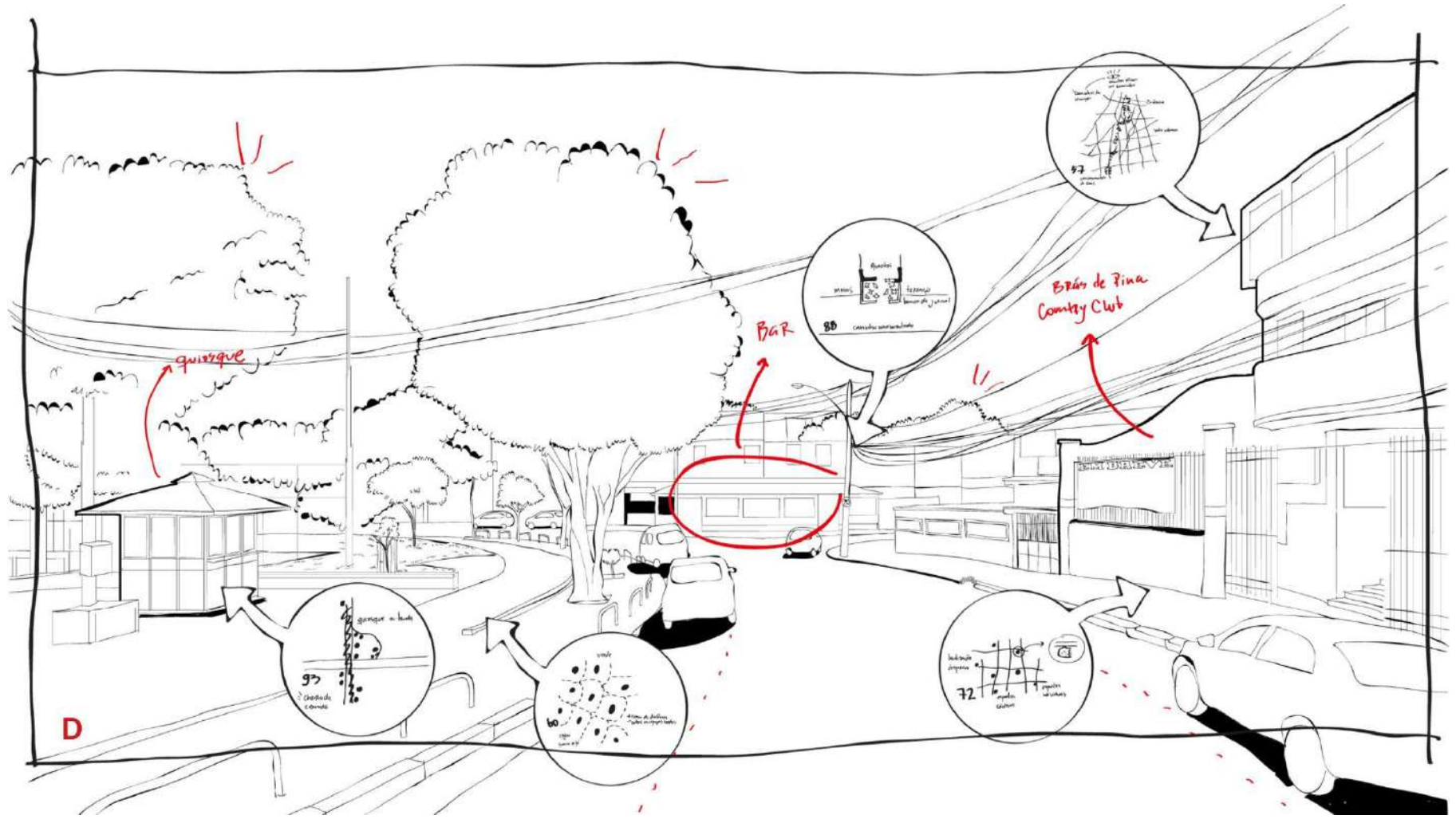
BOA TIPIAS BAR

mesas e cadeiras
na calçada

C



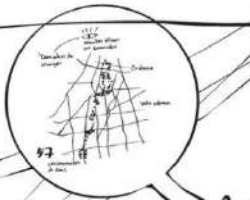
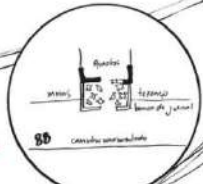
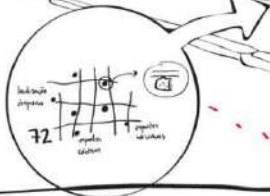
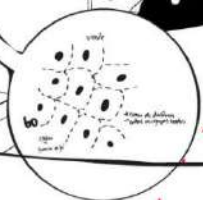
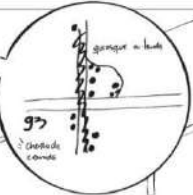
B



quiosque

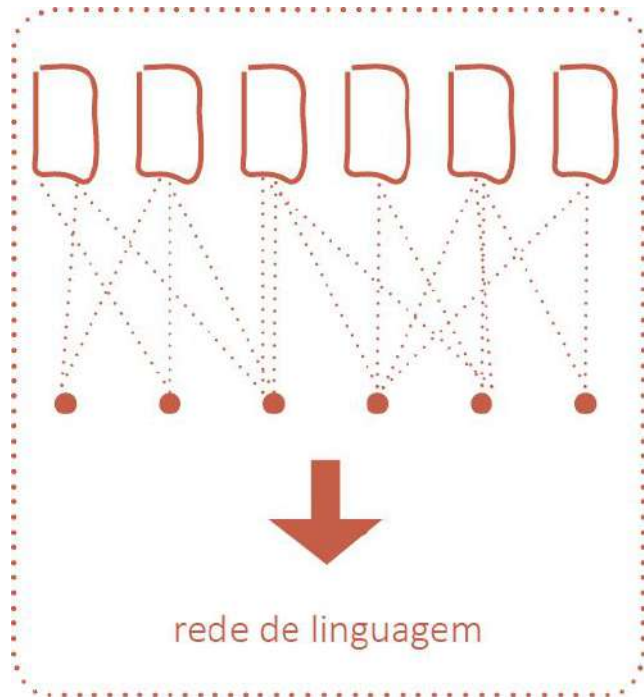
B&R

Espaço de Pina
Country Club



D

estratégia projetual



 padrões maiores

 padrões menores

articular

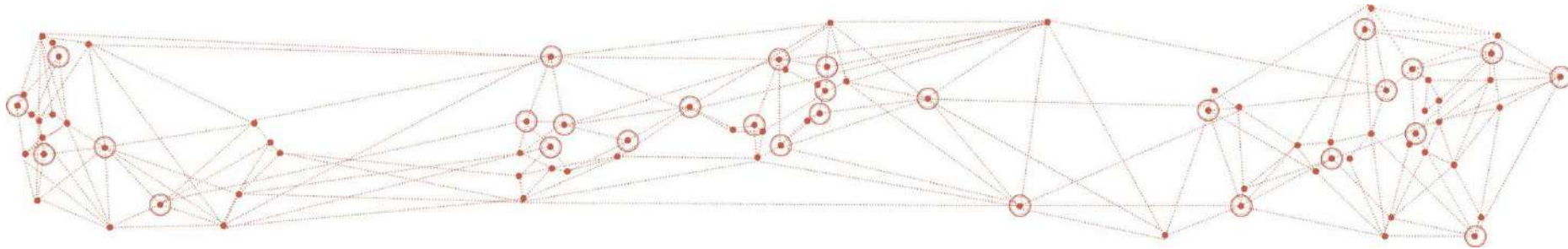
A vertical dotted line is positioned to the right of the word "articular", extending from the top of the word down to the bottom of the page.

articular

fortalecer

articular

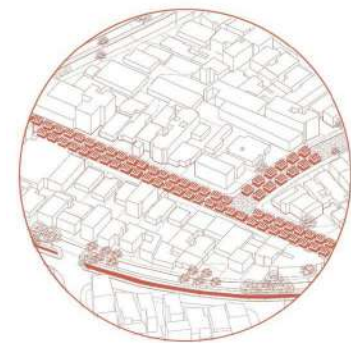
fortalecer



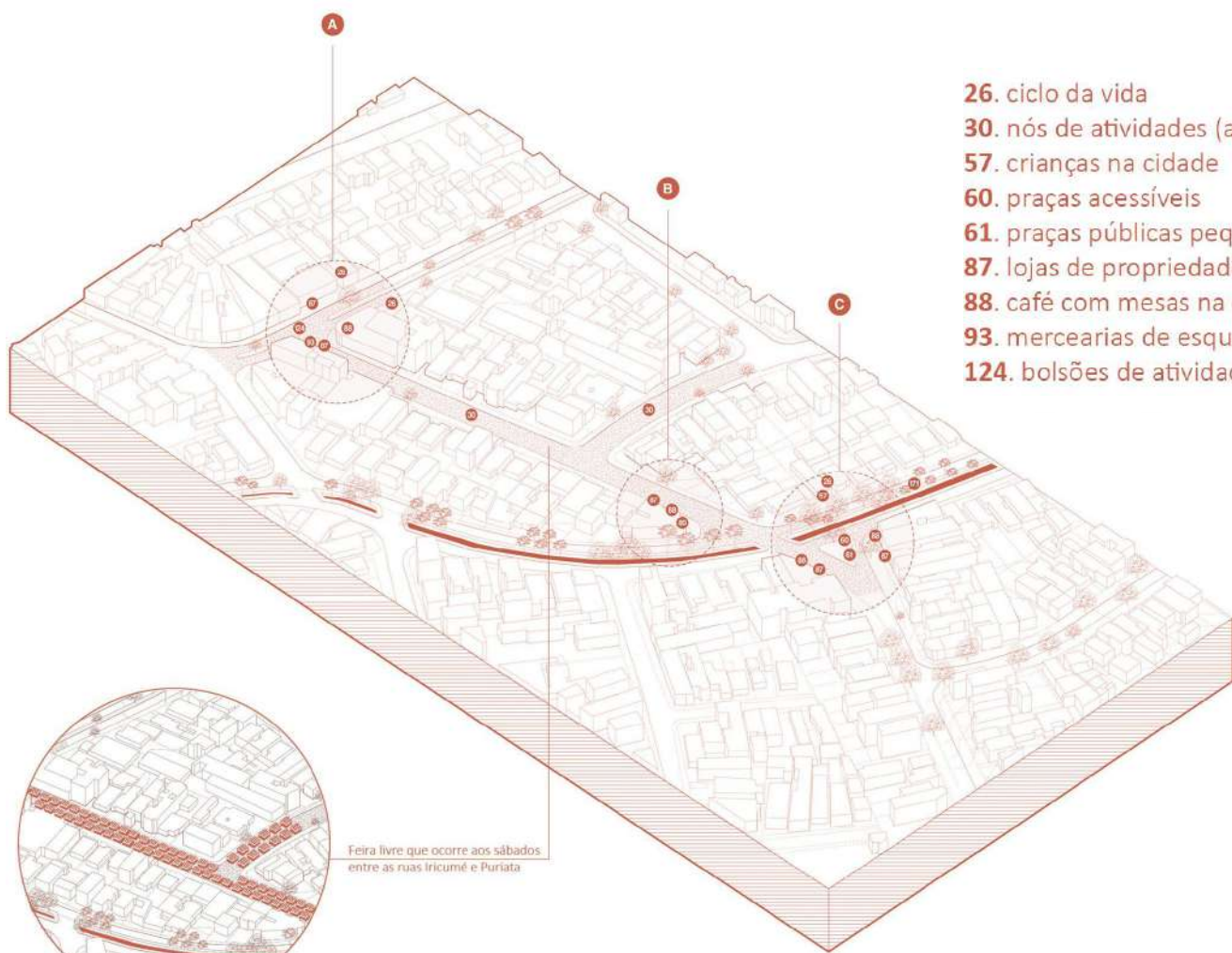
**experimentações
de aprofundamento**

trecho 2

Rua Iricumé e Praça Anibal Canejo



Feira livre que ocorre aos sábados
entre as ruas Iricumé e Puriata



- 26. ciclo da vida
- 30. nós de atividades (aos sábados)
- 57. crianças na cidade
- 60. praças acessíveis
- 61. praças públicas pequenas
- 87. lojas de propriedade individual
- 88. café com mesas na calçada
- 93. mercearias de esquina
- 124. bolsões de atividade



crianças

jovens até 29 anos

padrões
(escolha)

pequenas praças públicas

café com mesas na calçada



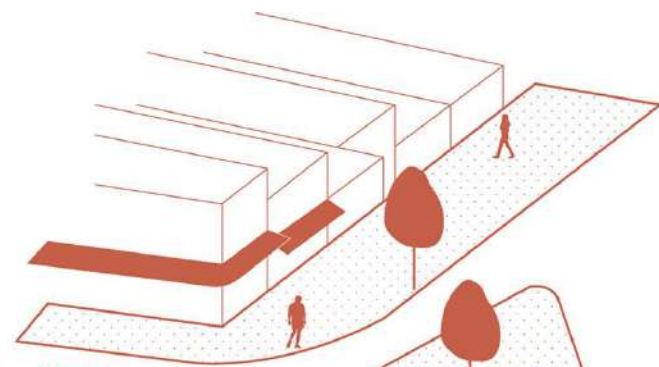
(61)

(88)

padrões intermediários

124 - bolsões de atividade
126 - algo mais ou menos no meio

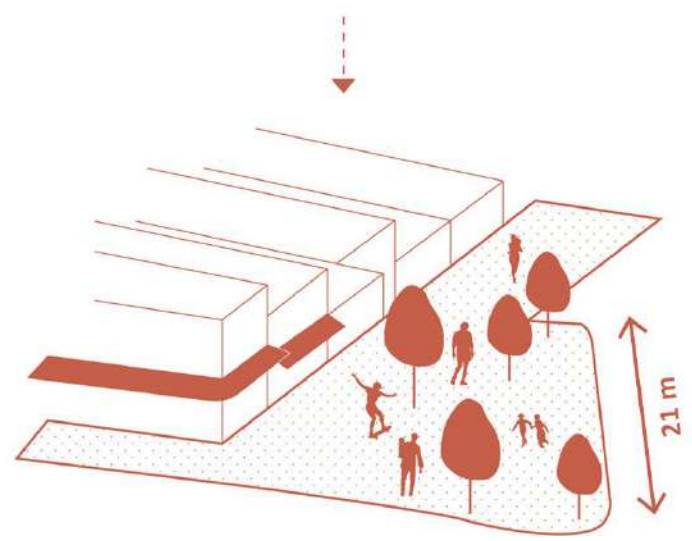
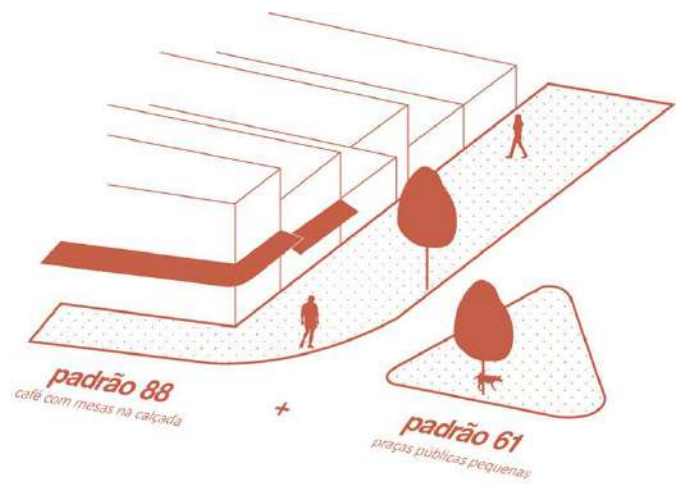
30 - "nós" de atividades
61 - pequenas praças públicas



padrão 88
café com mesas na calçada

+

padrão 61
praças públicas pequenas



**intervenções de
natureza autônoma**





adoção de
cobertura por
toldos



avanço das
cadeiras e
mesas



redesenho da
praça Anibal
Canejo



pintura da
faixa de
pedestre



**ampliação da
calçada**



estado atual



intervenção



estado atual



intervenção



estado atual



intervenção

**intervenções de
natureza
heterônoma**





novos mobiliários



fonte de água



jardim de chuva



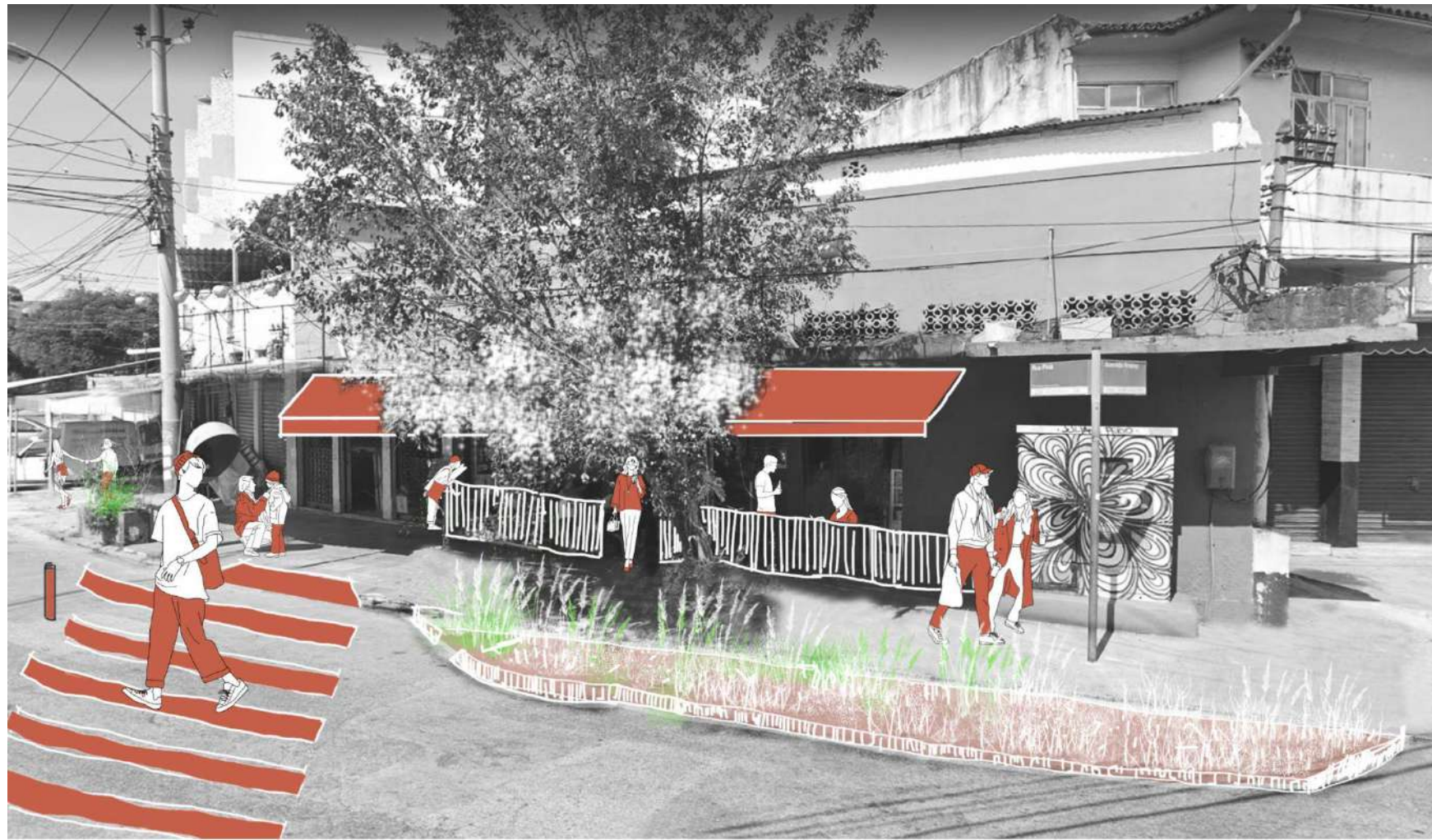
travessia elevada



canteiro pluvial



estado atual



intervenção futura



estado atual



intervenção futura



estado atual



intervenção futura

bibliografia

- ALBERNAZ, Maria Paula. **Formas de ocupação na cidade do Rio de Janeiro: abordagens morfológicas na investigação do tecido urbano**. IV ENANPARQ, 2016, Sessão temática: Morfologia Urbana.

- ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray; JACOBSON, Max; FIKSDAHL-KING, Ingrid; ANGEL, Sholmo. **Uma Linguagem de Padões**. A Pattern Language. Porto Alegre, Bookman, 2013.

- BANDEIRA, Tiago; GONÇALVES, Paulo Jorge; VIDAL, Patrícia. **A joia da Princesinha: 90 anos da Paróquia de Santa Cecília de Braz de Pina**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda, 2019.

- FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson. **Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

- FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson; VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva et al. **Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3. ed. São Paulo: Projeto FINEP; IBAM, 1985.

- GEHL, Jan. **Vida nas Cidades: Como Estudar** / Jan Gehl, Birgitte Svarre; tradução Anita Di Marco.-1.ed.- São Paulo: Perspectiva, 2018.

- HANNES, Evy. **Espaços abertos / espaços livres: um estudo de tipologias**. Paisagem E Ambiente: ensaios, (37), 121-144- 2016.

- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

- REGO, Andrea Queiroz et al. **Sistemas de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras - Um Debate Conceitual**. Paisagem E Ambiente: ensaios, (26), 225-247- 2009.

- TARDIN, Raquel. **Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

- VESCINA, Laura Mariana. **Projeto urbano, paisagem e representação: alternativas para o espaço metropolitano**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2010.

Obrigada!